RELATÓRIO DE INVESTIMENTOS

Agosto/2020

Diretoria Executiva

Processo IPMU/127/2020

1- INTRODUÇÃO

Relatório Mensal de Investimentos, do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU, referente ao mês de **AGOSTO de 2020**, contemplando obrigações da Resolução 3.922/2010, alterada pela Resolução CMN nº 4.604/2017, Resolução CMN nº 4.695/2018 e Relatórios da Portaria MPS 519/2011, apresentando as operações dos ativos alocados em fundos de investimentos de Renda Fixa e Renda Variável, mantidos pelo IPMU, e aderência à Política de Investimentos e Meta Atuarial para o exercício de 2020.

2- AMBIENTE MACROECONÔMICO

Após números do segundo trimestre terem confirmado impactos sem precedentes no PIB por todo o planeta, a retomada da mobilidade urbana e a recuperação econômica serão os pontos de maior preocupação e constante análise em meio ao risco sempre presente de novas ondas do COVID-19. A pandemia prossegue com número elevado de novos casos numa escala global. Ao mesmo tempo, os governos vêm mantendo a direção de flexibilizar o isolamento social. Para os próximos meses, espera-se uma desaceleração no número de novos casos e, com isso, a continuidade do processo de reabertura das economias.

A China continua como fonte importante do dinamismo global, com previsão de crescimento do PIB em 2020 de +2,5% seguido de aceleração em 2021 para +7,5%. Nos países desenvolvidos, superado esse ano de 2020 com forte recessão econômica, espera-se crescimento sólido do PIB em 2021, com 4,5% para os EUA e 5,5% para a Zona do Euro.

O mês de agosto foi mais um mês positivo par as Bolsas no mundo, com vários índices alcançando as máximas históricas como a S&P500 e a Dow Jones nos EUA. Historicamente, agosto e setembro tendem a ser meses mais fracos de performance para as Bolsas globais, pela sazonalidade de retornos histórica. Mas 2020 está muito longe de ser um ano normal! As ações americanas tiveram o melhor mês de agosto desde 1986, liderado pela forte alta do setor de tecnologia.

No Brasil, as preocupações políticas e fiscais retornaram a pauta, com o aumento da preocupação do mercado em relação ao teto de gastos e tensões envolvendo a equipe econômica com outras áreas do governo. Vimos o Dólar-Real voltando a depreciar em meados de agosto, mas voltando a apreciar ao final do mês, na medida em que o Dólar perdeu força no mundo, e houve uma melhora em relação às percepções fiscais ao longo dos últimos dias. Os investidores seguem cautelosos diante dos sinais políticos desencontrados emitidos por Brasília em relação ao ajuste fiscal. Debates no governo sobre o orçamento de 2021 e o fim dos estímulos fiscais fizeram com que os mercados colocassem em dúvida a trajetória da dívida pública. O Ibovespa não conseguiu acompanhar a alta dos índices globais, e se manteve estável ao redor dos 100.000 pontos ao longo do mês, fechando agosto em 99.369 pontos. Já em dólares, o Brasil voltou à lanterna no mundo, tendo a pior moeda e a pior Bolsa do mundo em performance em 2020. Isso se deve principalmente ao câmbio, dado que o Real deprecia 27% no ano em relação ao Dólar.

Para aos analistas, estabilizar a moeda brasileira é de extrema importância para que o investidor estrangeiro volte a investir no Brasil, e que a saída de capital se estanque. Em 2020, já saíram aproximadamente R$83 bilhões da B3 de investidores estrangeiros, um nível recorde.

2.1 GLOBAL

No Brasil, o mês foi marcado pelo cenário de instabilidade na frente fiscal. Questões acerca do orçamento e teto de gastos do governo trouxeram incertezas para o mercado, o que interrompeu a sequência da retomada do Ibovespa após o mês de março e enfraqueceu ainda mais o real em frente ao dólar. Em relação ao coronavírus, continuamos a observar quedas tanto no número de mortes quanto de novos casos na grande maioria dos estados.

A economia global segue em recuperação. Em diversos países, as vendas de bens encontram-se em patamares superiores ao início da pandemia, o que, em conjunto com a queda nos estoques, está impulsionando uma retomada em "V" da indústria global. Além disso, a procura por moradias maiores, longe dos grandes centros, está levando a um boom na construção residencial. A demanda por serviços segue deprimida e sua recuperação depende da evolução da pandemia. Neste sentido, cabe destacar a melhora do quadro nos EUA e a nova aceleração de casos na Europa.

Em relação à política monetária, o destaque foi a divulgação da nova estratégia do FED, com o objetivo de atingir uma inflação média de 2% a.a. ao longo do tempo. Trata-se de uma evolução do sistema de metas de inflação que busca ancorar as expectativas de inflação em 2% em um contexto de juros neutros estruturalmente deprimidos. Por fim, o quadro eleitoral americano se tornou mais competitivo, com eleitores mais preocupados com os distúrbios em cidades importantes, maior demanda por segurança e, possivelmente, pela melhor evolução da pandemia.

Os ativos de risco globais apresentaram performance bastante positiva em agosto, refletindo a postura mais Dovish (*dovish* faz referência aos formuladores de política econômica mais sensíveis ao problema do desemprego e do crescimento econômico e que, em função disso, dão menor prioridade ao combate à inflação) do Fed, que sinalizou um longo período de taxas de juros muito baixas.

O Brasil não fez parte do rally global em função das incertezas sobre a trajetória futura da dívida pública. O ativo que mais sentiu o aumento do risco foram as taxas de juros de prazos mais longos. O Real foi, ao lado da Lira Turca, a moeda que mais se desvalorizou no mês, apesar de agosto ter sido um mês de Dólar mais fraco em geral. A bolsa também sentiu o aumento do risco-pais em função das incertezas fiscais. Avaliamos que a bolsa tem um potencial de alta de 15% para os próximos 12 meses.

Ao redor do mundo, os índices de confiança da indústria e serviços de agosto sinalizam a continuidade do crescimento. Na Zona do Euro, apesar do PMI composto (indústria e serviços) ter cedido de 54,9 para 51,9 pontos entre julho e agosto, em virtude de um novo aumento do número de casos de COVID-19 na Itália e na Espanha, o indicador segue acima de 50 pontos, indicando expansão da atividade. Nos EUA, o PMI da indústria avançou para 53,3 pontos em agosto, ante 50,9 em julho. Na China, primeiro país atingido pela pandemia, a indústria se situa em expansão pelo sexto mês consecutivo (51 pontos). No setor de serviços, o mais afetado pela crise, a confiança alcançou o seu maior patamar desde janeiro de 2018, 54,3 pontos. O processo de normalização da mobilidade, bem como a continuidade da adição de estímulos na economia, devem manter a atividade em expansão nos próximos meses.

2.2 CHINA

Atividade industrial chinesa estabilizou entre julho e agosto. Os índices PMI apontaram expansão pelo sexto mês consecutivo. O indicador manufatureiro ficou praticamente estável, oscilando de 51,1 para 51 pontos (esperado era 51,2). Já o índice não-manufatureiro continuou avançando no período, de 54,2 para 55,2 pontos. A partir de março, o lado da oferta começou a se recuperar com mais força e, agora, na passagem do segundo para o terceiro trimestre, é o setor de serviços que tem apresentado maior espaço para retomada, o que é compatível com a dissipação da pior fase da pandemia.

2.3 ZONA DO EURO

Recuperação econômica da zona do euro perde força em agosto. A recuperação da zona do euro de sua maior contração já registrada vacilou em agosto uma vez que o crescimento do dominante setor de serviços caiu a 51,9 (54,9 em julho), perto da marca de 50 que separa crescimento de contração. O PMI de serviços recuou a 50,5 em agosto (54,7 em julho). As empresas do setor de serviços na zona do euro viram o crescimento da atividade ficar quase paralisado em agosto, alimentando preocupações de que a recuperação pós *lockdown* começou a desaparecer em meio às restrições de distanciamento social ligadas à covid-19. A demanda diminuiu no bloco embora as empresas tenham reduzido preços, e o número de trabalhadores foi reduzido pelo sexto mês seguido.

Confiança econômica na zona do euro se recupera pelo 4º mês seguido em agosto. A confiança econômica da zona do euro aumentou em agosto pelo quarto mês seguido após queda recorde provocada pelas medidas de isolamento contra a Covid-19 em março e abril. Embora permaneça bem abaixo dos níveis pré-crise e da média de longo prazo, o indicador mensal que mede a confiança na economia subiu a 87,7 pontos (82,4 em julho). A retomada, confirmando a recuperação gradual de maio, deveu-se principalmente ao maior otimismo no setor de serviços. Ele permanece em território negativo, mas subiu a -17,2 em agosto (-26,2 em julho). A confiança também aumentou nos setores industrial e de varejo. A confiança do consumidor teve leve recuperação para -14,7 pontos de -15,0.

Inflação na zona do euro fica estável em agosto. Dados econômicos mais recentes reforçam expectativas de que BCE poderá afrouxar ainda mais a política monetária no próximo mês para estimular a economia. A inflação na zona do euro permaneceu baixa em 1% em agosto, reforçando expectativas do mercado de que o BCE afrouxará ainda mais a política monetária no próximo mês. As taxas de elevações de preços em julho e agosto são as mais baixas desde novembro de 2016, bem inferiores à meta de inflação do BCE (próxima, mas abaixo de 2%), apesar dos anos de estímulo monetário sem precedentes por meio de cortes nas taxas e de trilhões de euros em compras de títulos. Economistas disseram que os dados econômicos mais recentes reforçaram argumento para uma maior flexibilização da política monetária. Não há nada nas divulgações de dados de hoje que mude a opinião dos formuladores de política monetária do BCE que se reunirão na semana seguinte: ainda esperamos que eles reduzam a taxa de depósito de -0,4% para -0,5% e forneçam mais dicas claras de que mais QE está a caminho. O Conselho do BCE realiza sua próxima reunião de política monetária em 12 de setembro e prometeu um pacote de estímulos, com o crescimento econômico patinando em meio a uma guerra comercial global e ao setor manufatureiro da Alemanha já em recessão.

2.4 EUA

A atividade econômica perdeu tração em agosto, permanecendo em nível bem abaixo do vigente antes da pandemia. Segundo o Livro Bege, divulgado pelo Fed, a atividade industrial avançou na maior parte do país, ao passo que o setor de serviços seguiu enfraquecido. De acordo com as distritais do Banco Central norte-americano, que capturam as informações do lado real da economia, houve alguma melhora nos setores de turismo e varejo, ainda que a demanda como um todo tenha permanecido fraca. Com relação aos preços, o documento aponta que houve aumento das pressões, mas que os indicadores de inflação seguem em níveis confortáveis.

Nos EUA, o Fed divulgou a ata da reunião que reforçou o cenário de cautela acerca da evolução da atividade nos próximos meses. Na reunião em que o Fed manteve a taxa de juros no intervalo de 0,25% a.a. e 0% a.a., os membros reforçaram que o cenário ainda contempla incerteza extraordinária para a economia, decorrente primordialmente da evolução do vírus. Tendo isso em vista, os membros reforçaram a necessidade de manter a política econômica acomodatícia até o retorno da atividade econômica aos seus níveis usuais. Entre as medidas de estímulos monetário adicional, o comitê demonstra preferência pelo "forward guidance", orientação mais contundente sobre a condução futura da política monetária. Nesse caso, a maior parte dos membros defende uma comunicação sobre os próximos passos atrelada primordialmente ao comportamento ao alcance da meta de inflação. A aceleração da compra de ativos também é defendida como estratégia viável. Sobre a possibilidade de política de controle de curva de juros, os membros seguem céticos a respeito da sua eficácia, tornando essa política distante de ser adotada. Adicionalmente, o Fed introduziu a necessidade de uma revisão estrutural do ferramental de política monetária em um futuro próximo. Diante de toda a incerteza oriunda do vírus e do impacto sobre o mercado de trabalho, avaliamos que os estímulos permanecerão por um período prolongado.

As taxas de juros de prazos mais longos subiram nos EUA. Os livros-textos de economia ensinam que uma curva de juros fica mais inclinada (os juros longos sobem mais do que os juros curtos) por um dos dois seguintes motivos (ou uma combinação entre eles):

1. Quando os agentes econômicos precificam uma atividade econômica mais forte, provocando a expectativa de aumento da inflação no futuro.
2. Quando aumentam as incertezas sobre a trajetória da dívida pública, gerando desconfiança nos agentes econômicos e, como consequência, aumento do prêmio pelo risco.

Houve surpresa positiva com a criação de 1,4 milhão de empregos em agosto. Com a geração de vagas formais, a taxa de desemprego no país atingiu 8,4%, ante 10,2% em julho. O resultado foi melhor do que o esperado pelo mercado (9,8%). Entre os segmentos, destaque para a recuperação consistente nos serviços privados, que criaram 984 mil vagas. Fundamentalmente, os dados refletem o aumento da mobilidade. Ainda em recuperação, o mercado de trabalho conta com 13,5 milhões de desempregados. Em fevereiro esse número não superava 6 milhões. Com a continuidade da normalização das atividades, os próximos meses devem seguir apresentando recuperação do mercado de trabalho nos EUA. Vale mencionar que o Fed projetava taxa de desemprego em 9,3% ao final deste ano. Na reunião de setembro, a revisão deverá ser expressiva.

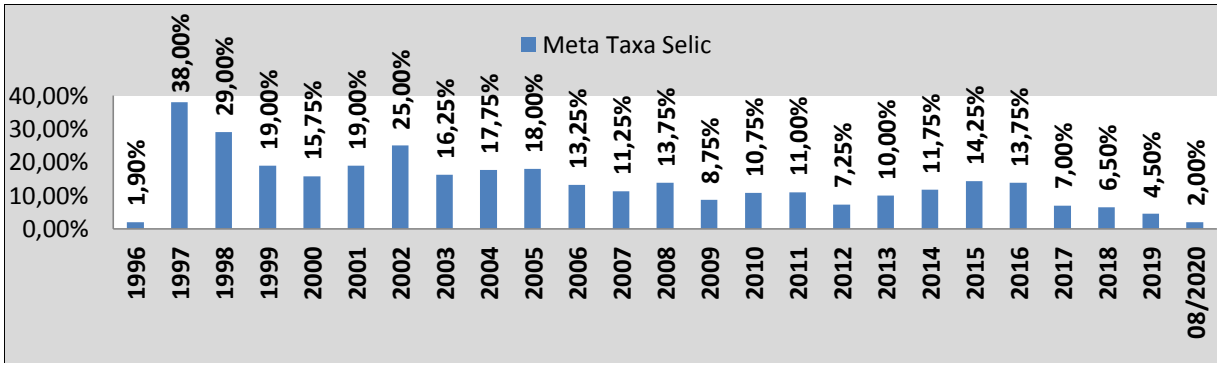
2.5 BRASIL

Juros estáveis por período prolongado

Diante do cenário projetado para atividade e inflação, analistas esperam **Selic estável** nesse patamar pelos próximos trimestres. Como reflexo da pandemia, o PIB do 2º trimestre mostrou contração de 9,7% contra o 1º trimestre, que por sua vez já tinha apresentado queda relevante de 2,5%. Informações referentes ao 3º trimestre apontam forte crescimento, acompanhando a flexibilização do isolamento social e os enormes estímulos de política econômica. Isso fará com que o nível de ociosidade na economia, juntamente com a taxa de desemprego, caia num ritmo gradual, permanecendo em patamares elevados. A inflação seguirá baixa em virtude da economia enfraquecida. Alguns analistas entendem que o Banco Central encerrou, em agosto, o ciclo de redução dos juros com o corte da Selic de 0,25% para 2,0%.

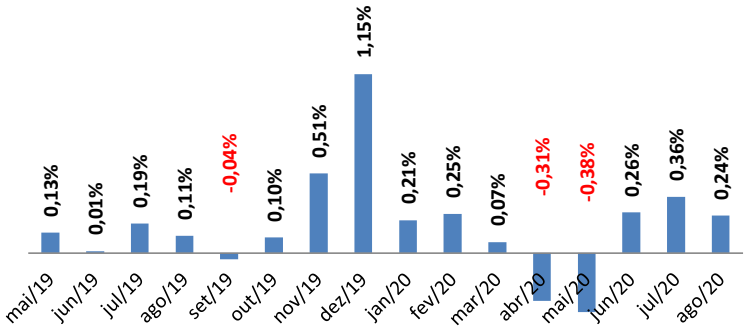
A política fiscal tem sido a principal fonte de ruído do cenário doméstico, com discussões sobre prorrogação do auxílio emergencial à população mais vulnerável, teto de gastos e o desejo do governo de promover um aumento dos investimentos públicos se somando às discussões do Orçamento de 2021 e sobre o formato do programa Renda Brasil, substituto do Bolsa Família. Ainda que a divulgação recente do PIB do segundo trimestre confirme a maior contração trimestral da série naquele período, os estímulos monetários e fiscais continuam a impactar a economia o que, em conjunto com afrouxamento do isolamento social, continua a afetar positivamente a atividade econômica nos indicadores mais recentes. Cabe destacar também que os setores mais aquecidos, representados nos índices de preços ao consumidor pelos segmentos de bens duráveis e alimentos, têm apresentado uma maior elevação em seus preços, movimento compensado em parte pela continuidade de um desempenho contido dos outros segmentos. Ainda assim, o Banco Central optou por reduzir novamente a taxa básica de juro, e manter a possibilidade de novos afrouxamentos. Em nossa visão, dada a evolução do cenário, a autoridade monetária não deverá promover novos afrouxamentos da política monetária.

O Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p, com a indicação que a taxa de juros deve ser mantida próxima do patamar atual por período prolongado. Em decisão unânime, a Selic passou de 2,25% para 2,00% a.a., corte em linha com a expectativa de mercado e a nossa projeção. No comunicado, o Comitê ressalta que a pandemia causada pelo Covid-19 continua provocando a maior retração global desde a Grande Depressão. O Copom também destacou que a economia brasileira demonstra sinais de recuperação parcial, porém não de forma homogênea entre os setores.

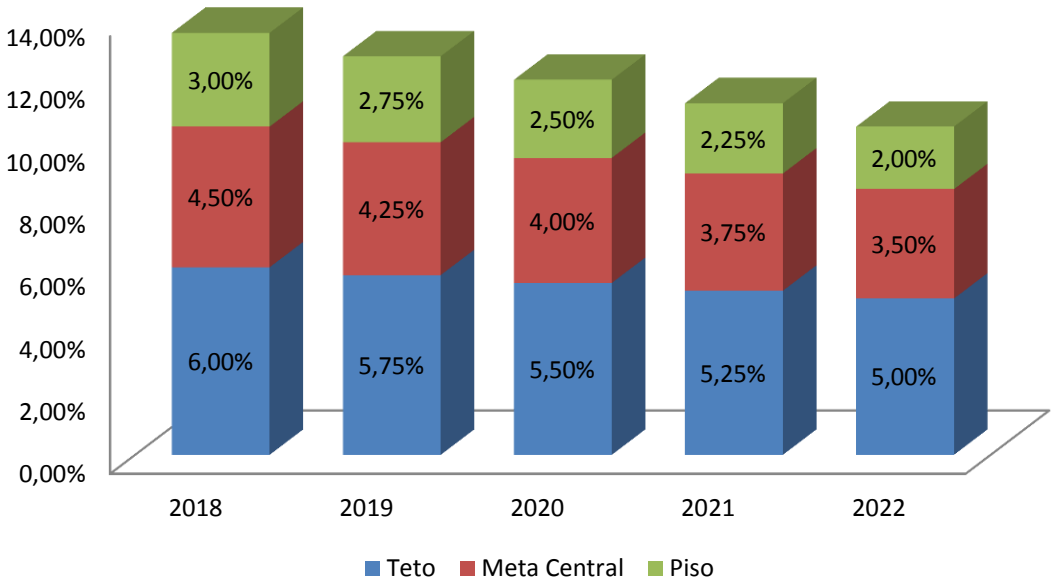


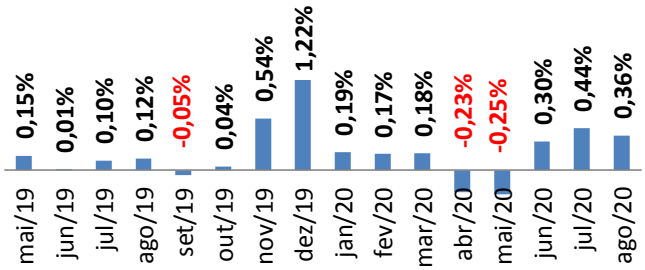
Política volta aos holofotes do mercado em agosto. As preocupações políticas e fiscais retornaram a pauta, com o aumento da preocupação do mercado em relação ao teto de gastos e tensões envolvendo a equipe econômica com outras áreas do governo. Isso fez o dólar voltar a subir e a curva de juros futuros voltar a "empinar" (aumento de juros na parte longa da curva, embutindo um maior prêmio de risco).

A inflação oficial do país, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), ficou em 0,24% em agosto. É o maior resultado para o mês de agosto desde 2016, quando o IPCA foi de 0,44%. O índice acumula 0,70% no ano e 2,44% nos últimos doze meses



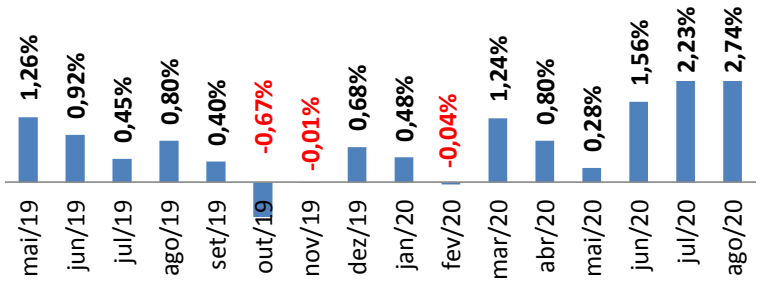
A meta de inflação é fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Para alcançá-la, o Banco Central eleva ou reduz a taxa básica de juros da economia (Selic), atualmente em 2% – mínima histórica. O mercado segue prevendo manutenção da taxa básica de juros neste patamar até o fim deste ano. Pela regra vigente, o IPCA pode oscilar de 2,5% a 5,5% sem que a meta seja formalmente descumprida. Quando a meta não é cumprida, o Banco Central tem de escrever uma carta pública explicando as razões.

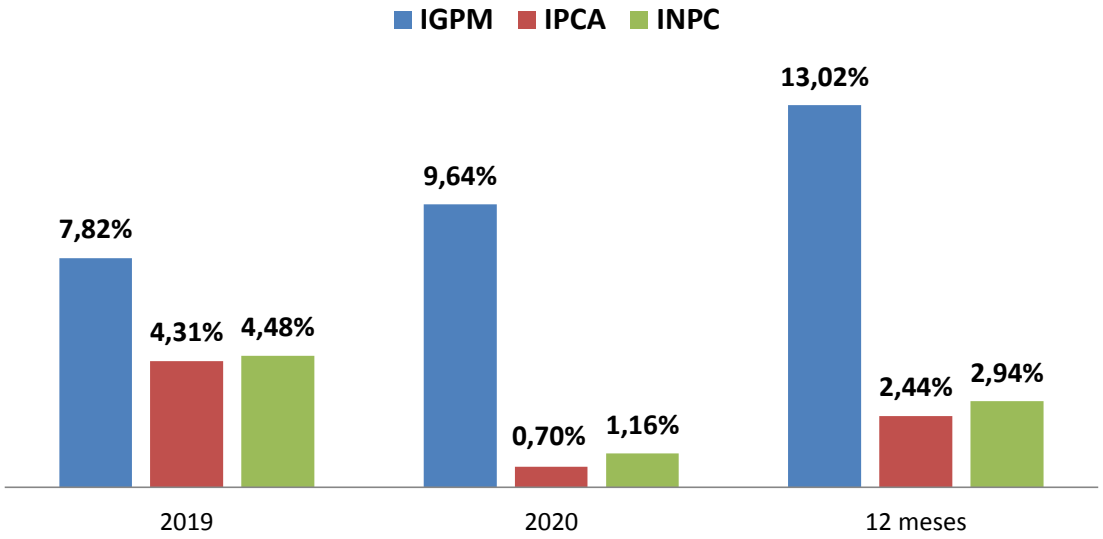




O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) teve aumento de 0,36%. Maior resultado para o mês de agosto desde 2012 (0,45%). Com o resultado, o índice acumula elevação de 1,16% no ano e 2,94% nos últimos doze meses.

O IGP-M avançou 2,74% em agosto, ante alta de 2,23% no mês de julho. Com este resultado, o índice acumula alta de 9,64% no ano e em doze meses alta de 13,02%. Em agosto de 2019 o índice havia caído 0,67% e acumulava alta de 4,95% em 12 meses.



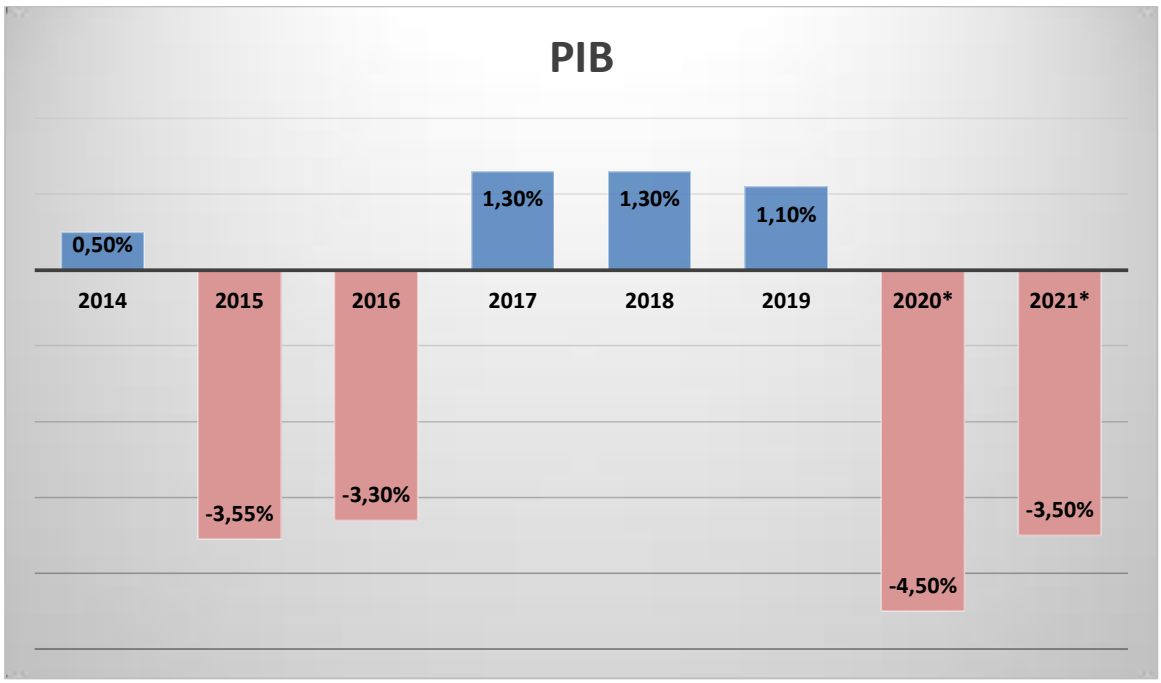


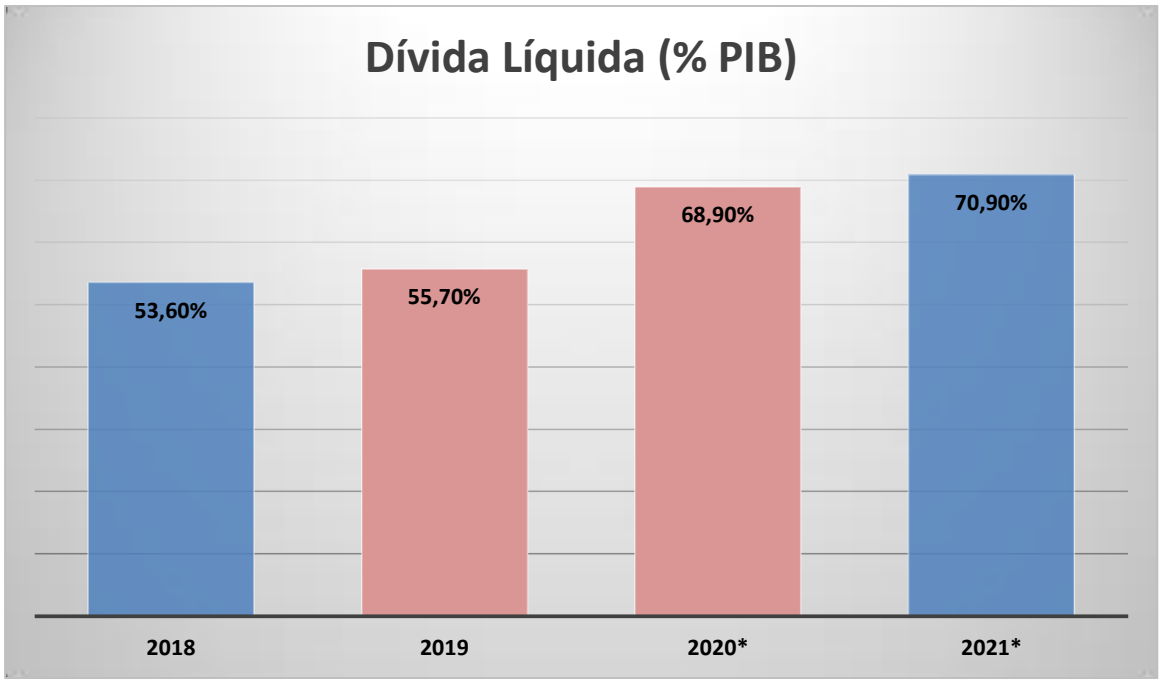
PMI industrial do Brasil atinge novo recorde em agosto

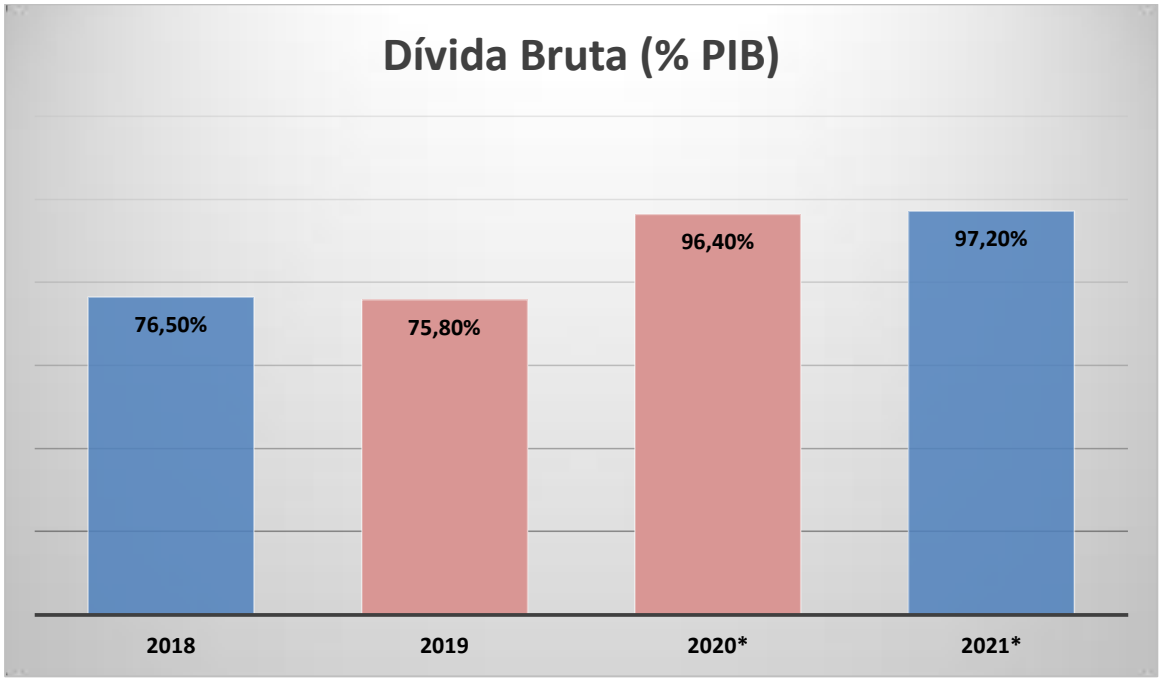
A economia industrial brasileira manteve um impulso positivo considerável em agosto, com novos recordes de aumento sendo registrados nos volumes de produção, de novos pedidos e de compras. Foram relatados fortalecimentos na demanda e na atividade do mercado interno em sintonia com a recuperação observada após a paralisação causada pela pandemia do coronavírus de 2019 (COVID-19). Foram acrescentados postos de trabalho novamente, e da maneira mais significativa em dez anos e meio. Contudo, a lucratividade foi colocada sob pressão considerável, com os preços de insumos aumentando a um ritmo sem precedentes, como consequência de movimentos de taxas de câmbio desfavoráveis e uma escassez de materiais junto aos fornecedores. O aumento do PMI durante o último período da pesquisa foi impulsionado por crescimentos recordes nos volumes de produção e de novos pedidos. As empresas relataram que a demanda estava sustentando a recuperação das contrações relacionadas com a paralisação no início do ano, com a atividade de mercado se aquecendo nitidamente. Contudo, o crescimento foi impulsionado principalmente pelo mercado interno: os novos pedidos para exportação se contraíram pelo décimo segundo mês consecutivo, com a demanda proveniente do exterior continuando a desapontar. As tendências positivas dos volumes de novos pedidos e de produção, de um modo geral, ajudaram a impulsionar um aumento considerável da atividade de compra. O crescimento foi também o mais acentuado na história da pesquisa e colocou os fornecedores sob uma pressão considerável. Os prazos médios de entrega se deterioraram a uma taxa sem precedentes, com as empresas relatando que os fornecedores não só não tinham estoques suficientes para lidar com uma demanda mais elevada, como também continuaram a enfrentar visíveis dificuldades logísticas devido à COVID-19. A escassez de estoques e o crescimento da demanda, além de taxas de câmbio desfavoráveis, fizeram com que os custos operacionais, de um modo geral, aumentassem a um ritmo considerável ao longo do mês. Na realidade, os dados mais recentes indicaram que a inflação de preço de insumos foi sem precedentes na história da pesquisa. Os fabricantes brasileiros responderam aumentando acentuadamente os seus preços cobrados, e a um ritmo recorde. O forte aumento no total de novos pedidos exerceu pressão sobre a capacidade em agosto, como ficou evidenciado pelo crescimento mais forte nos pedidos em atraso registrado pela pesquisa em mais de dois anos. Como resultado, o número de funcionários aumentou, com a taxa de crescimento se acelerando nitidamente e atingindo o seu nível mais elevado em dez anos e meio.

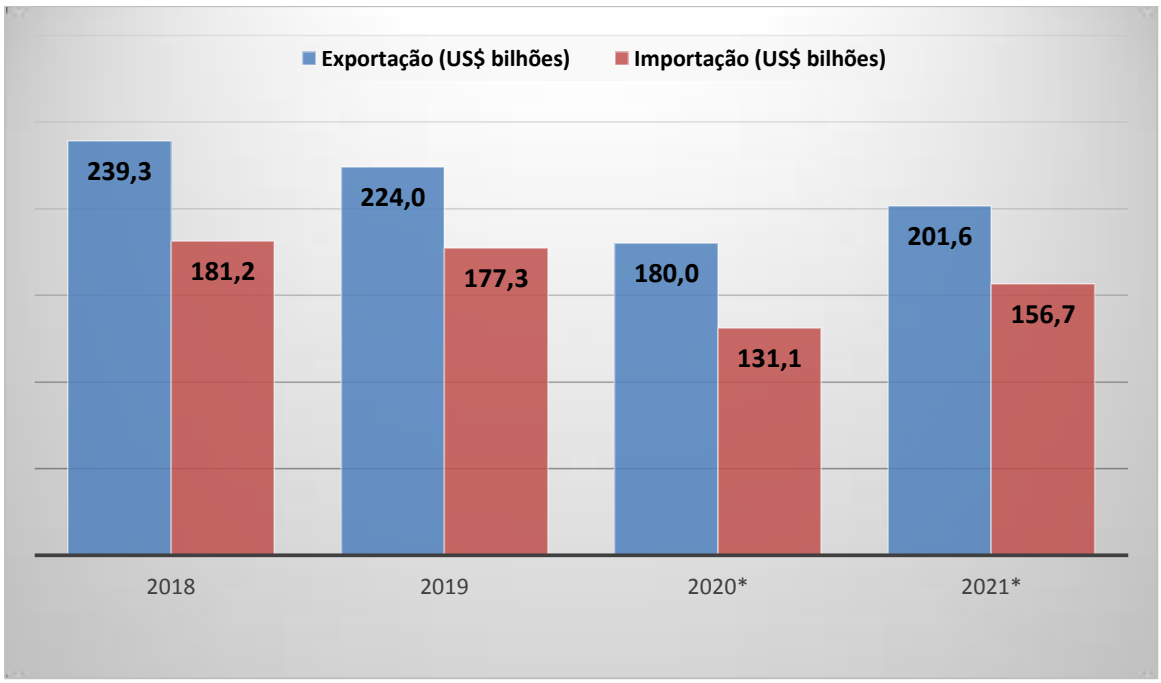
PIB brasileiro recua 9,7% no segundo trimestre de 2020.:

Impactos da pandemia se materializam em contração do PIB no segundo trimestre, mas indicadores correntes apontam para retomada no trimestre atual. O recuo de 9,7% entre o primeiro e o segundo trimestres surpreendeu negativamente. O resultado, divulgado pelo IBGE, foi bastante impactado pelos efeitos da pandemia sobre a economia, como verificado em todo o resto do mundo. Pela ótica da oferta, o setor de serviços recuou 9,7%, a indústria registrou contração de 12,3% e o setor agropecuário teve alta de 0,4%. Já pela ótica da demanda, apenas as exportações cresceram no período (+0,5%). Destaque negativo para formação bruta de capital fixo (-15,4%) e consumo das famílias (-13,5%). As despesas do governo também mostraram forte contração (-8,8%). Adicionalmente, os resultados dos três períodos anteriores foram revisados na série com ajuste sazonal, com destaque para o primeiro trimestre, cuja queda de 1,5% na margem foi revisada para outra de 2,5%. No acumulado em quatro trimestres, o PIB recuou 2,2%. Para o terceiro trimestre, diante do relaxamento das medidas de distanciamento social em várias partes do país, os indicadores correntes apontam para crescimento, reforçando a visão de que o pior impacto da pandemia para a economia ficou para trás.


PIB
0,50%
-3,55%
-3,30%
1,30%
1,30%
1,10%
-4,50%
-3,50%
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020*
2021*


Dívida Líquida (% PIB)
53,60%
55,70%
68,90%
70,90%
2018
2019
2020*
2021*


Dívida Bruta (% PIB)
76,50%
75,80%
96,40%
97,20%
2018
2019
2020*
2021*


Exportação (US$ bilhões)
Importação (US$ bilhões)
239,3
181,2
224,0
177,3
180,0
131,1
201,6
156,7
2018
2019
2020*
2021*

2.6

BANCO CENTRAL DO BRASIL | Focus Relatório de Mercado
Expectativas de Mercado

Mercado espera, para este ano, menor contração do PIB, maior inflação e câmbio mais depreciado. Segundo o Relatório Focus, divulgado pelo Banco Central, o mercado espera contração de 5,28% para o PIB deste ano (ante 5,46% na leitura anterior) e crescimento de 3,5% no próximo ano. Em relação ao IPCA, a mediana das projeções para 2020 passou de 1,71% para 1,77%, enquanto ficou estável em 3,0% para 2021. A expectativa para o câmbio subiu de R$/US$ 5,20 para R$/US$ 5,25 ao final de 2020, enquanto para o ano que vem, foi mantida em R$/US$ 5,00. Por fim, a mediana das projeções para a taxa Selic permaneceu em 2,0% para o final de 2020 e passou de 3,0% para 2,88% para o final do próximo ano.

3- APLICAÇÕES FINANCEIRAS

Os mercados globais tiveram desempenho positivo, impulsionados pela perspectiva do desenvolvimento de vacinas e pela desaceleração da curva de contágio nos EUA. Diante disso, as bolsas americanas apresentaram ganhos expressivos, atingindo patamares historicamente elevados. No âmbito doméstico, questões específicas locais, com destaque para preocupações com o quadro fiscal, provocaram desempenho negativo dos ativos (queda da bolsa e alta dos juros futuros). A premissa de um mundo em ebulição se confirmou em agosto, onde a pandemia continua a cobrar seu elevado preço, com o avanço de casos em diversas localidades onde ocorre a reabertura econômica. Ainda assim, a recuperação dos indicadores econômicos continuou, assim como os ajustes das projeções de crescimento, com parte dos ativos de mercado financeiro precificando igual mudança de contexto.

Agosto começou positivo, impulsionado por notícias cada vez mais intensas de possíveis vacinas funcionais contra o COVID-19, o que possibilitará uma reabertura segura da atividade em nível mundial até meados de 2021. Nesta conjuntura, o recorde das bolsas de valores internacionais só foi efetivamente rechaçado por pioras pontuais, em partes relacionadas ao avanço da pandemia, misturada por notícias de retomada de algumas quarentenas regionalizadas e questões políticas internacionais. No âmbito positivo, a grande virada ocorreu com a sinalização surpreendentemente *dovish* por parte da autoridade monetária americana, o *Federal Reserve*, onde a nova orientação futura de metas inflacionárias preserva tanto as taxas de juros, quanto os estímulos fiscais por um período relativamente indeterminado.

No Brasil, a situação dos indicadores econômicos apresenta semelhante reação à que ocorre no mundo, porém os ativos de mercado não foram capazes de emular tal movimento, devido ao intenso debate político por novos recursos e programas de transferência de renda, os quais tanto podem resultar em elevado custo fiscal, como político, o que ameaçaria a presença do ministro Paulo Guedes no governo. Tal temor se refletiu fortemente nos prêmios das curvas de juros e também na desvalorização do Real frente ao dólar, ponto que já cobra um considerável preço inflacionário nos índices ao atacado, com preservação parcial e momentânea em alguns índices ao varejo, em especial o IPCA. É a política cobrando seu preço. No mercado de renda variável, além da inevitável reação à questão política, a qual incluiu a saída de membros chave da equipe econômica, a concentração de resultados corporativos pesou no mercado acionário, mantendo as ações em considerável volatilidade.

3.1 Renda Fixa

Agosto foi mais um mês positivo para o mercado financeiro em âmbito global, refletindo o otimismo sobre a recuperação do crescimento das principais economias em meio à manutenção de um enorme estímulo fiscal e de políticas monetárias acomodatícias. Apesar disso, os ativos domésticos apresentaram desempenho negativo, influenciados por crescentes preocupações com as contas públicas do país. O desempenho dos ativos de renda fixa foi preponderantemente negativo. O principal catalisador foi a preocupação com a deterioração do quadro fiscal, com dúvidas sobre a sustentabilidade das contas públicas e o cumprimento do teto dos gastos ao longo dos próximos anos. Por outro lado, o Banco Central implementou um corte residual dos juros básicos e indicou que eles devem permanecer em níveis baixos por um período relativamente longo.

Diante disso, os vértices mais longos das curvas de juros reais e nominais tiveram altas expressivas, enquanto os vértices mais curtos da curva pré-fixada tiveram comportamento neutro. Em contra partida, as NTN-Bs mais curtas tiveram desempenho levemente positivo em virtude de aumento do preço da gasolina e possível impacto no IPCA, enquanto os vértices mais longos sofreram na esteira do quadro fiscal.

O resultado para os índices Anbima foi negativo. As exceções foram o IMA-B5 e o IRFM1 que, por serem indexados aos títulos públicos de curto prazo, apresentaram desempenho positivo. No acumulado do ano, a maioria dos índices Anbima supera o CDI, as exceções são o IMA-B e o IMA-B5+.

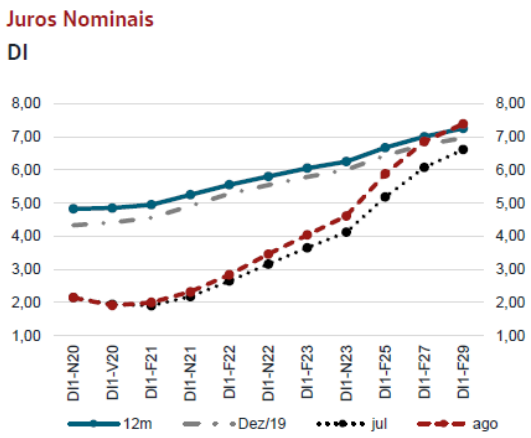


Figura 1: Juros Nominais (DI)
Fonte: Bloomberg

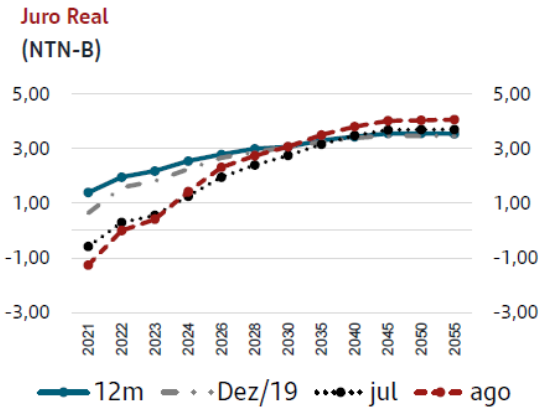


Figura 2: Juro Real (NTN-B)
Fonte: Bloomberg

Câmbio e Juros

A postura acomodatícia dos principais Bancos Centrais do mundo, com destaque para o FED, segue dando suporte aos principais ativos de risco globais. A mudança no arcabouço de política monetária, anunciada recentemente pelo Banco Central Americano, amplificou o movimento de fechamento de juro real nos EUA. No Brasil, o mês foi de realização mais forte nos mercados. A deterioração fiscal e as sucessivas ameaças a estabilidade orçamentária impactaram negativamente a percepção de risco local. Esse contexto, aliado ao ambiente de juro atipicamente baixo no país, tem deixado o Brasil numa posição mais frágil.

Ao lado da Lira Turca, o Real foi a moeda que mais se desvalorizou em agosto dentre as principais moedas do mundo. Em relação ao Dólar, o Real se desvalorizou 4,9%, devolvendo os ganhos de julho. O Real é, de longe, a moeda que mais se desvalorizou durante a crise da Covid-19. Mesmo moedas de outros países emergentes, em tese tão frágeis quanto o Brasil no enfrentamento da epidemia e de suas consequências econômicas, não se depreciaram na mesma magnitude. As que mais se aproximaram foram a Lira Turca e o Peso Argentino; mesmo assim, o Real se depreciou 9,0% em relação a essas duas moedas desde o início do ano.

A tentativa de uma explicação para este comportamento combina desde taxas de juros reais muito baixas até a fragilidade da situação fiscal, pior que os pares emergentes.

O novo patamar em torno do qual o Real deverá se estabilizar dependerá de algumas variáveis: 1) o diferencial de taxas de juros entre Brasil e EUA, que está em seu patamar mais baixo da série histórica; 2) o déficit em conta-corrente, que deve diminuir com a forte desaceleração da economia global e local; e 3) o risco-país, que deve permanecer em patamar elevado, mas inferior aos atuais níveis, se a agenda fiscal caminhar na direção correta. Considerando estes três fatores, analistas avaliam que o Real pode se valorizar ainda este ano, com valorização adicional no ano que vem, na medida em que a atividade econômica mostre recuperação e a questão fiscal seja equacionada.

Dólar tem maior alta mensal desde março, a R$ 5,481. O dólar comercial fechou (31/08) com valorização de 1,2%, cotado a R$ 5,481 na venda, interrompendo uma sequência de duas quedas consecutivas. Com o resultado, a moeda fechou agosto com alta de 5,02%, o maior avanço mensal desde março (15,92%). No ano, o dólar acumula alta de 36,58%.

Tesouro Direto: títulos públicos fecham agosto com queda de até 9,5%, em meio a maior preocupação fiscal. Aumento da aversão a risco leva os investidores a exigirem taxas de juros mais elevadas para emprestar dinheiro ao governo. O aumento das preocupações com o risco fiscal no Brasil deu o tom da movimentação dos preços de títulos públicos no mês de agosto. Em meio a discussões sobre o rompimento do teto de gastos pelo governo, o nervosismo aumentou e pesou sobre os mercados de maneira geral.

Depois de quatro meses seguidos de alta, a Bolsa registrou queda em agosto, o dólar subiu e os preços dos títulos públicos negociados via Tesouro Direto caíram, com um movimento inverso ao das taxas. A maior aversão a risco leva os investidores a exigirem taxas de juros mais elevadas para emprestar dinheiro ao governo.

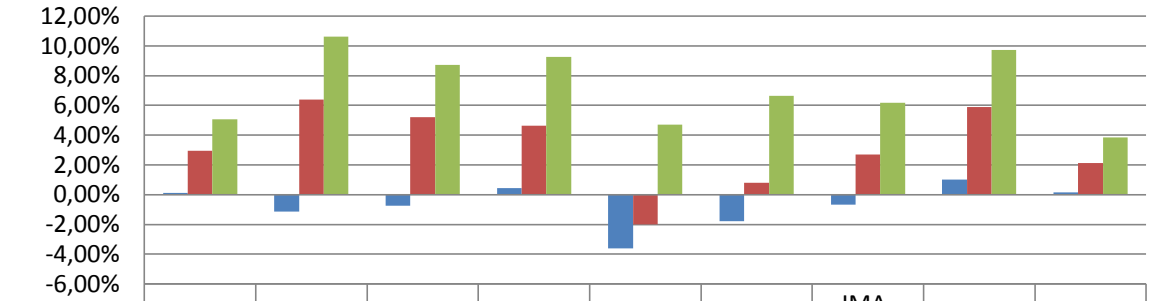
Entre os papéis disponíveis para compra no Tesouro Direto, programa de compra e venda dos papéis dirigido ao investidor pessoa física, depois de dispararem quase 15% em julho, os preços do Tesouro IPCA+ com vencimento em 2045 tiveram a maior queda de agosto, com baixa de 9,45%. O juro real pago pelo papel subiu de 3,40%, no fim de julho, para 3,72%, no encerramento de agosto. Destaque de baixa também para o Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2055, com queda de 6,52% no mês passado.

No acumulado de 2020, a atenção recai sobre o Tesouro Prefixado com vencimento em 2023, ainda com alta de 7,44%, e, do lado negativo, sobre o Tesouro IPCA+2045, com queda de 7,33% dos preços. Em 12 meses, o Tesouro Prefixado 2023 ainda acumula valorização de 12,3%.

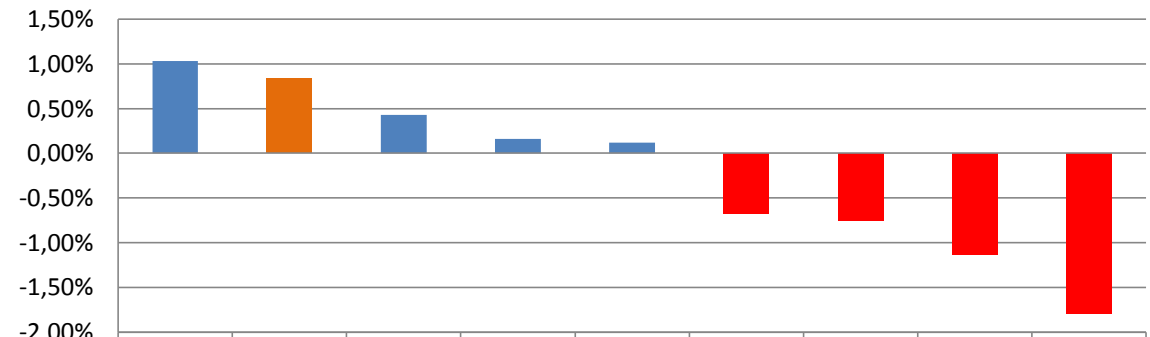
Títulos de longo prazo recuam em agosto. O destaque em agosto foi a redução do IMA-B5+, subíndice que reflete a carteira dos títulos públicos indexados ao IPCA acima de cinco anos e que apresenta a maior duration da família IMA (12,9 anos). No ano, esse subíndice também acumula perda. Por serem papéis de prazos mais longos e, desta forma, mais correlacionados às expectativas da economia para o longo prazo, sua queda de rentabilidade pode estar relacionada às dúvidas dos investidores quanto ao encaminhamento da política fiscal, sobretudo em relação à permanência do teto de gastos. Um indicador disso foram as taxas de colocação das NTN-Bs longas deste mês, nas quais todos os vencimentos acima de cinco anos saíram com maiores prêmios em relação aos leilões anteriores.
Em relação aos títulos pré-fixados, reproduzidos pela carteira do IRF-M, o subíndice IRF-M1+, prefixado acima de um ano, performou positivo em 2020 até agosto, enquanto no mês expôs variação negativa.

Indústria de fundos já registra captação de R$ 146 bilhões no ano

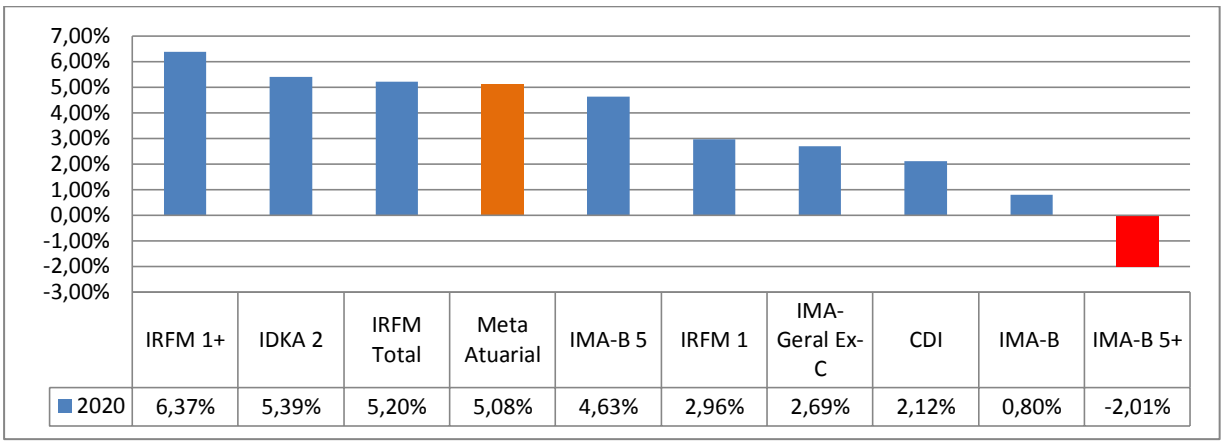
Em agosto, os fundos de investimento registraram entrada líquida de R$ 66,5 bilhões, acumulando no ano captação líquida na ordem de R$ 146,6 bilhões. As classes multimercados (R$ 71 bilhões) e de ações (R$ 61 bilhões) vêm mantendo as maiores captações da indústria no ano, indicando mais disposição do investidor ao risco na busca de rentabilidade diante do baixo patamar dos juros no curto prazo. Um indicador importante é que, mesmo com o evento da pandemia em 2020, essas classes, multimercados e ações, já captaram mais do que o captado no mesmo período de 2019, R$ 41,4 bilhões e R$ 48,8 bilhões, nesta ordem.
No mês, entretanto, a classe renda fixa registrou a maior captação da indústria em agosto com R$ 44,5 bilhões, mostrando recuperação mais sustentada, já que a maioria dos tipos apresentou resultados positivos. No acumulado do ano, essa classe ainda registra saída líquida de recursos na ordem de R$ 4 bilhões. O tipo renda fixa duração baixa soberano foi o que apresentou o melhor resultado no mês e no acumulado do ano, registrando captação líquida positiva de 25,4 bilhões e R$ 140,5 bilhões, respectivamente. Já a classe multimercados registrou entrada líquida de R$ 17,1 bilhões em agosto, mantendo a maior captação líquida de 2020, R$ 71 bilhões. Entre os que compõem a classe, o tipo livre, segundo maior PL (R$ 500,36 bilhões), registrou captação líquida de R$ 9,1 bilhões, com captação líquida de R$ 46,6 bilhões até agosto.
A classe ações vem em seguida, com captação líquida mensal de R$ 4,4 bilhões. Em 2020, essa classe acumula entrada líquida de R$ 61 bilhões. O tipo ações livre é o de melhor performance, com captação líquida de R$ 2,7 bilhões em agosto e de R$ 38,3 bilhões no ano.
Em relação às rentabilidades, o destaque em agosto foram as carteiras com mandato de investimento no exterior que apresentaram as maiores rentabilidades nas classes de renda fixa (2,5%) e multimercados (2,1%). Na classe de ações, quase todos os tipos apresentaram retornos negativos, refletindo, em alguma medida, a queda do Ibovespa em agosto. A exceção foi o fundo de investimento no exterior, que registrou variação positiva de 0,64%. No ano, a melhor performance é do tipo livre, que é o de maior PL (R$ 222,7 bilhões), com retorno de -4,84% até agosto.



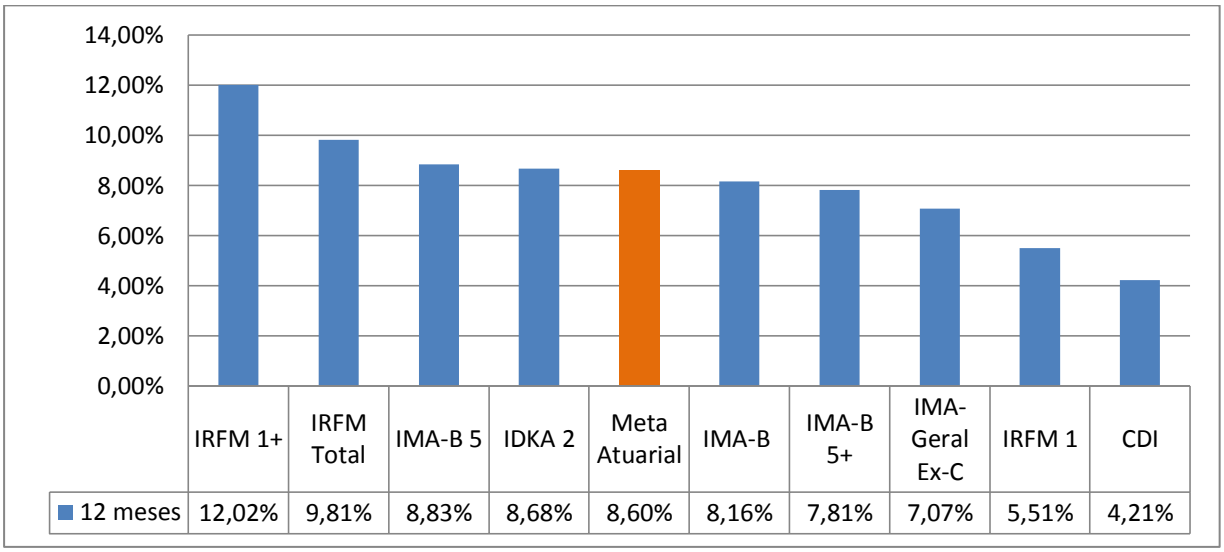
	IRFM 1	IRFM 1+	IRFM Total	IMA-B 5	IMA-B 5+	IMA-B	IMA-Geral Ex-C	IDKA 2	CDI
Agosto	0,12%	-1,13%	-0,75%	0,43%	-3,62%	-1,80%	-0,68%	1,03%	0,16%
2020	2,96%	6,37%	5,20%	4,63%	-2,01%	0,80%	2,69%	5,90%	2,12%
12 meses	5,06%	10,64%	8,70%	9,24%	4,71%	6,64%	6,16%	9,71%	3,86%



	IDKA 2	Meta Atuarial	IMA-B 5	CDI	IRFM 1	IMA-Geral Ex-C	IRFM Total	IRFM 1+	IMA-B
Agosto	1,03%	0,84%	0,43%	0,16%	0,12%	-0,68%	-0,75%	-1,13%	-1,80%



	IRFM 1+	IDKA 2	IRFM Total	Meta Atuarial	IMA-B 5	IRFM 1	IMA-Geral Ex-C	CDI	IMA-B	IMA-B 5+
2020	6,37%	5,39%	5,20%	5,08%	4,63%	2,96%	2,69%	2,12%	0,80%	-2,01%



	IRFM 1+	IRFM Total	IMA-B 5	IDKA 2	Meta Atuarial	IMA-B	IMA-B 5+	IMA-Geral Ex-C	IRFM 1	CDI
12 meses	12,02%	9,81%	8,83%	8,68%	8,60%	8,16%	7,81%	7,07%	5,51%	4,21%

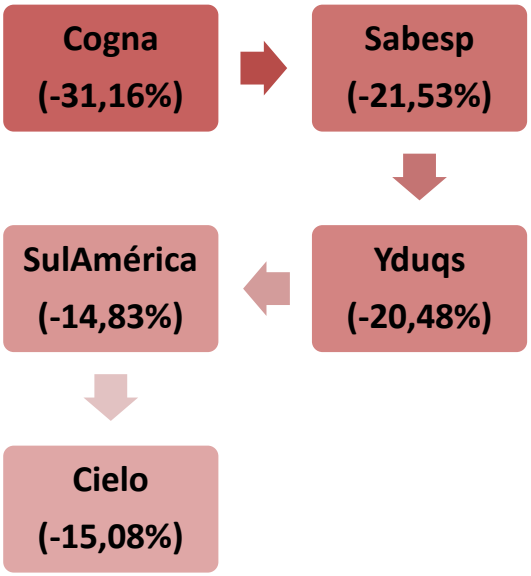
3.2 Renda Variável

No mês o Ibovespa caiu 3,4% devido à novas incertezas políticas e uma percepção pior em relação a situação fiscal. O Ibovespa, principal indicador de desempenho das ações negociadas na B3, terminou o pregão do último dia do mês de agosto/2020 com forte queda, com receios fiscais. O índice recuou 2,72% aos 99.369 pontos. O Ibovespa cai 3,44% em agosto e perde os 100 mil pontos enquanto bolsas dos EUA batem máximas. Foi a primeira desvalorização mensal do índice desde março, interrompendo a sequência da retomada após o crash do coronavírus.

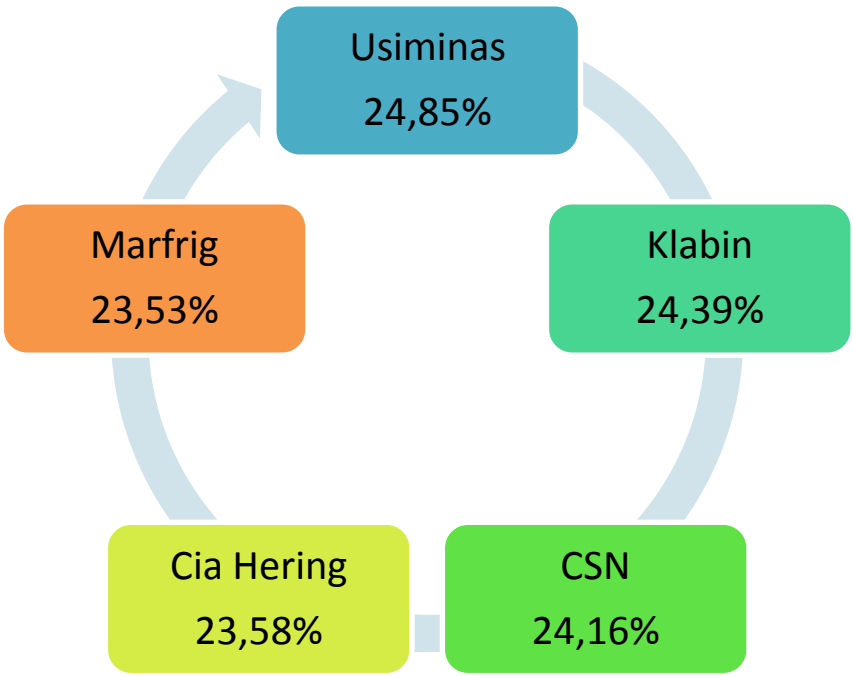
Em agosto, ao contrário do ocorrido em julho, o mercado acionário brasileiro apresentou fraco desempenho frente aos seus pares emergentes e desenvolvidos. Considerando também a influência das oscilações das moedas, o MSCI Brazil recuou 9,02% contra uma alta de 2,09% do índice dos emergentes e de 6,53% do índice global. A discrepância teve relação com as dúvidas dos investidores sobre os rumos da política fiscal daqui para frente – em especial, se o aumento dos gastos fiscais em 2020, para diminuir os efeitos da pandemia, será temporário ou permanente.
Internamente, o quadro político ganhou destaque na formação de preços. Mais mudanças na equipe econômica e a inesperada decisão do Senado de derrubar um veto presidencial, que impedia o aumento salarial dos funcionários públicos, abalaram a confiança dos investidores na disciplina fiscal do governo. A Câmara dos Deputados, mais tarde, conseguiu restabelecer o veto. Ainda assim, os analistas seguiram acompanhando atentamente as estimativas de impacto da prorrogação do Auxílio Emergencial e da criação do "Renda Brasil", considerando as probabilidades de rompimento do teto constitucional de gastos nos próximos anos. Como resultado, a curva de juros nominais subiu consideravelmente em agosto, especialmente em seus prazos mais longos.

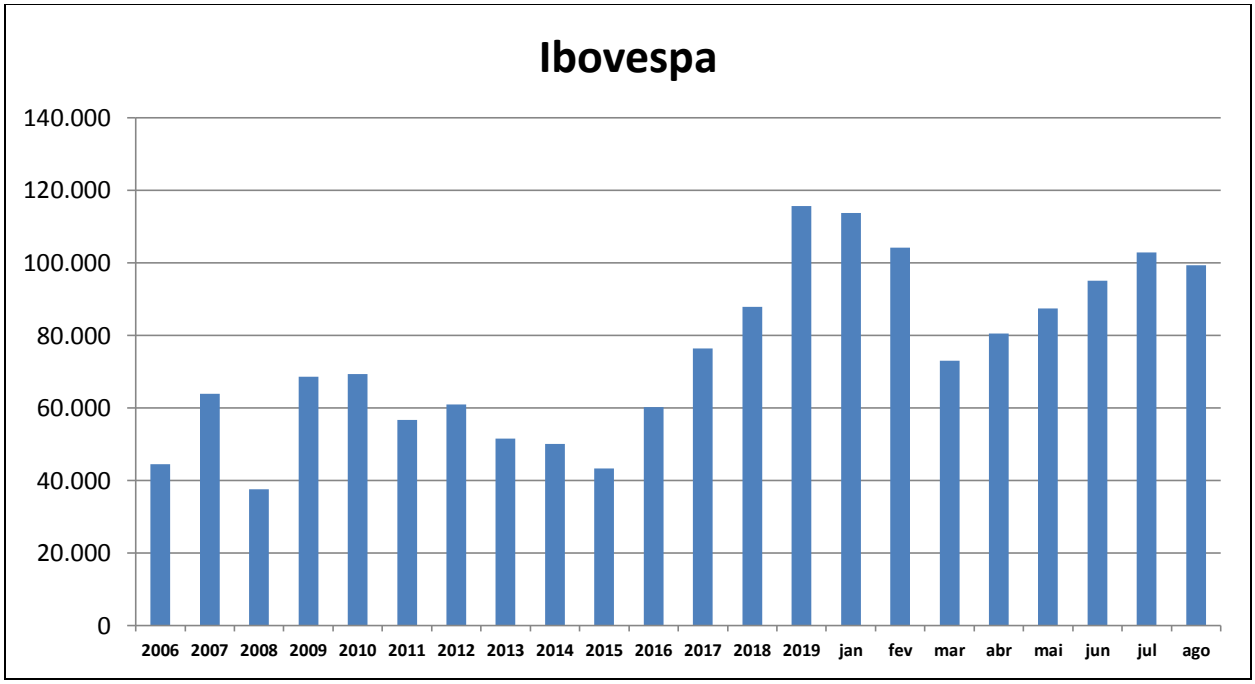
No Ibovespa, houve destaque positivo para as ações do setor de materiais básicos. Já as maiores quedas ficaram com as ações dos setores: utilidade pública, financeiro e imobiliário.
Por fim, agosto foi mais um mês positivo para o mercado financeiro em âmbito global, refletindo o otimismo sobre a recuperação do crescimento das principais economias em meio à manutenção de um enorme estímulo fiscal e de políticas monetárias acomodatícias. Apesar disso, os ativos domésticos apresentaram desempenho negativo, influenciados por crescentes preocupações com as contas públicas do país. Nos Estados Unidos, o S&P500 subiu 7,01%. Na última semana do mês, o *Federal Reserve* revelou que permitirá um excesso moderado da inflação. A mudança de postura do Banco Central americano foi amplamente interpretada como um cenário de taxas de juros mantidas baixas por um período mais longo. Esse evento e as notícias sobre avanços em vacinas acabaram atenuando as preocupações com a situação da pandemia na Europa e na Índia.

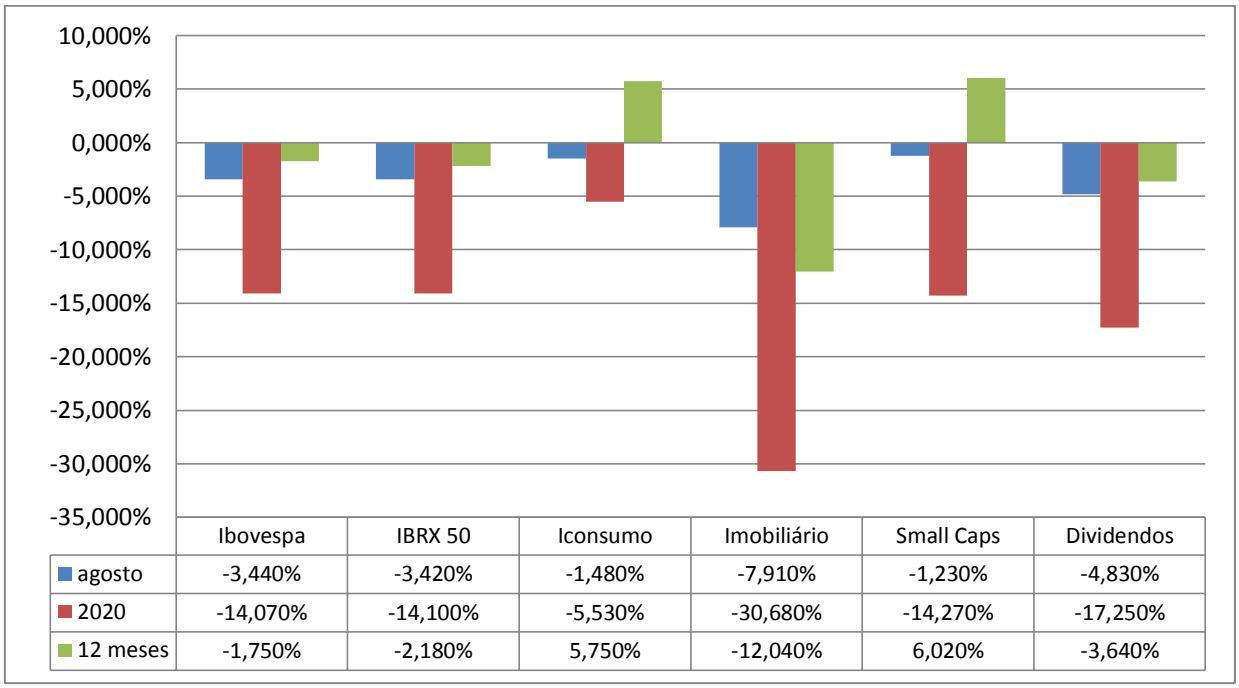
As 5 maiores quedas do Ibovespa no mês de agosto



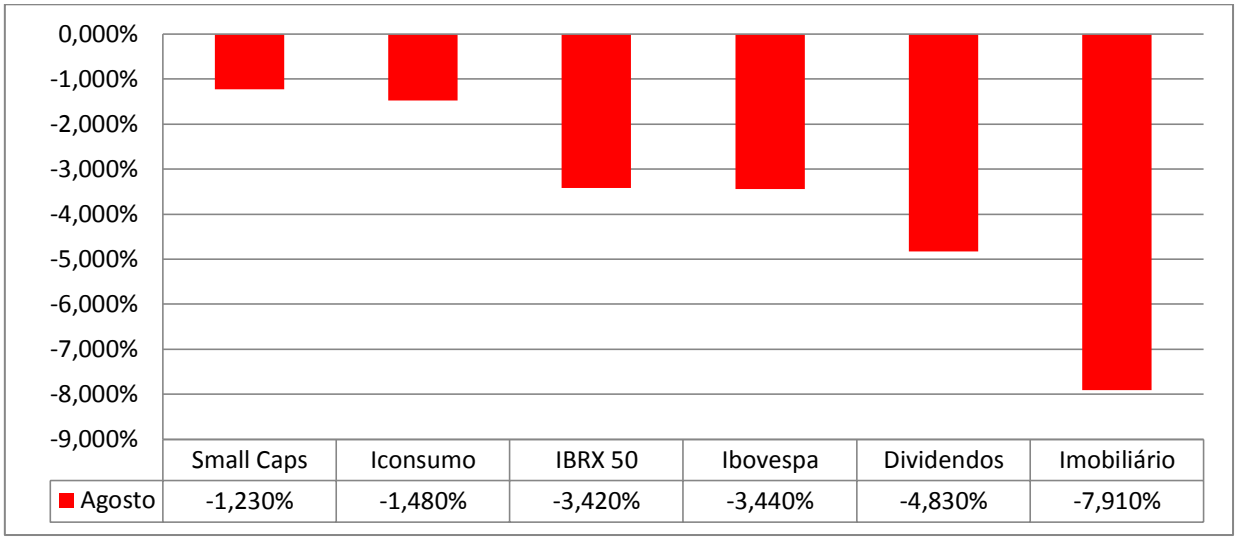
As 5 maiores altas do Ibovespa em agosto

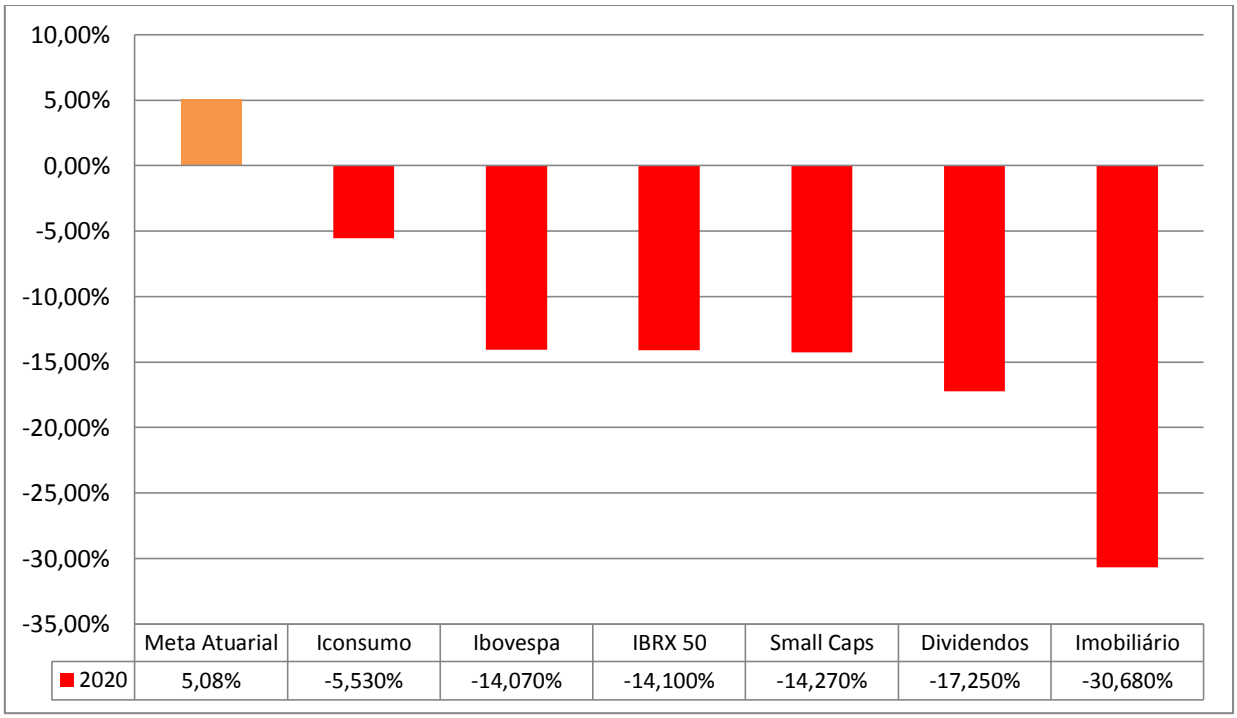






	Ibovespa	IBRX 50	Iconsumo	Imobiliário	Small Caps	Dividendos
agosto	-3,440%	-3,420%	-1,480%	-7,910%	-1,230%	-4,830%
2020	-14,070%	-14,100%	-5,530%	-30,680%	-14,270%	-17,250%
12 meses	-1,750%	-2,180%	5,750%	-12,040%	6,020%	-3,640%

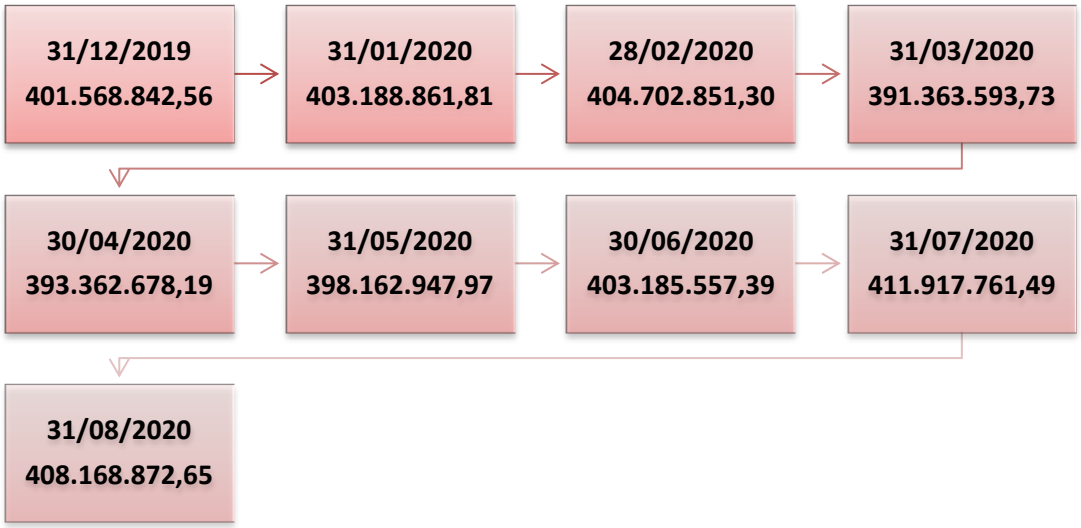

0,000%
-1,000%
-2,000%
-3,000%
-4,000%
-5,000%
-6,000%
-7,000%
-8,000%
-9,000%
Small Caps
Iconsumo
IBRX 50
Ibovespa
Dividendos
Imobiliário
Agosto
-1,230%
-1,480%
-3,420%
-3,440%
-4,830%
-7,910%

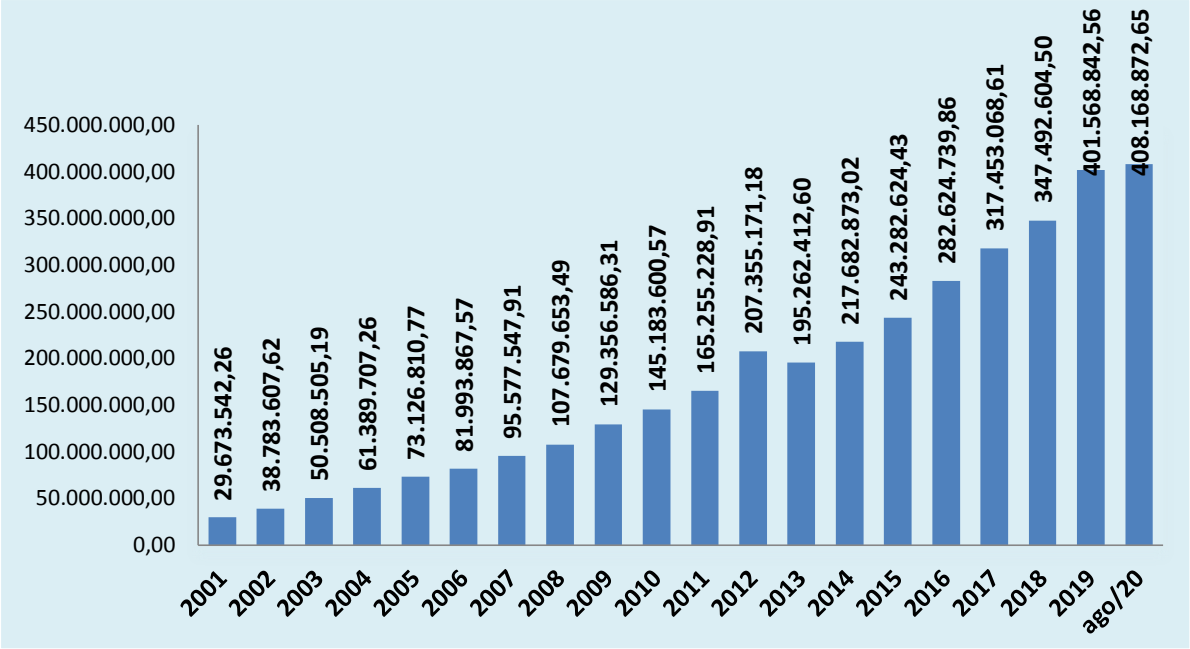

10,00%
5,00%
0,00%
-5,00%
-10,00%
-15,00%
-20,00%
-25,00%
-30,00%
-35,00%
Meta Atuarial
Iconsumo
Ibovespa
IBRX 50
Small Caps
Dividendos
Imobiliário
2020
5,08%
-5,530%
-14,070%
-14,100%
-14,270%
-17,250%
-30,680%

4- CARTEIRA DE INVESTIMENTOS

O saldo das aplicações financeiras em 2020 sofre com a volatilidade do mercado financeiro, devido à evolução da crise Covid 19.

O IPMU encerrou 2019 com patrimônio de **R$ 401.568.842,56** (quatrocentos e um milhões quinhentos e sessenta e oito mil oitocentos e quarenta e dois reais e cinquenta e seis centavos) e no dia 31/08/2020, apresenta patrimônio de **R$ 408.168.872,65** (quatrocentos e oito milhões cento e sessenta e oito mil oitocentos e setenta e dois reais e sessenta e cinco centavos).





Rentabilidade

A rentabilidade dos investimentos entre **janeiro/agosto** foi positiva em **R$ 9.887.587,31** (nove milhões oitocentos e oitenta e sete mil quinhentos e oitenta e sete reais e trinta e um centavos), conseguindo reverter a desvalorização registrada no mês de março/2020, refletindo a grande volatilidade dos mercados financeiros devido a pandemia do "coronavírus":

2020	Renda Fixa		Renda Variável		Total
	Valorização	Desvalorização	Valorização	Desvalorização	
Janeiro	1.829.871,12	-13.851,85	0,00	0,00	1.816.019,27
Fevereiro	1.742.408,49	0,00	0,00	0,00	1.742.408,49
Março	272.644,63	-13.081.828,27	0,00	-225.074,03	**-13.034.257,67**
Abril	3.210.392,64	-122.428,60	163.574,56	0,00	3.251.538,60
Maio	5.184.693,60	0,00	160.104,57	0,00	5.344.798,17
Junho	4.711.922,04	0,00	235.687,38	0,00	4.947.609,42
Julho	8.517.605,86	0,00	507.598,24	0,00	9.025.204,10
Agosto	655.057,93	-3.591.230,52	0,00	-269.560,48	**-3.205.733,07**
Total	**26.124.596,31**	**-16.809.339,24**	**1.066.964,75**	**-494.634,51**	**9.887.587,31**

Valorização	**27.191.561,06**

Desvalorização	**-17.303.973,75**

Variações	Dezembro/2019	Valorização	Desvalorização	Acumulado	AGOSTO
Títulos Públicos	**62.877.843,20**	**5.787.147,19**	**-1.254.749,07**	**4.532.398,12**	**64.684.215,49**
4.400 NTN-C 01.04.2021 (IGPM)	19.674.136,21	1.562.015,39	-11.933,48	1.550.081,91	21.277.954,84
11.150 NTN-B 15.08.2024 (IPCA)	43.203.706,99	4.225.131,80	-1.242.815,59	2.982.316,21	43.406.260,65
Fundos 100% Títulos Públicos	**246.181.192,14**	**17.063.284,72**	**-14.863.047,73**	**2.200.236,99**	**219.467.429,13**
BB Previdenciário Alocação	60.841.715,28	3.456.797,34	-1.855.935,45	1.600.861,89	62.772.946,36
BB Previdenciário Títulos 2022	6.588.229,70	437.785,87	-112.943,65	324.842,22	6.582.702,73
BB Previdenciário IMA-B 5+	16.942.925,22	2.107.017,13	-2.485.222,82	-378.205,69	16.564.719,53
Caixa Brasil IMA-B 5+	35.933.764,47	1.472.933,54	-4.552.103,71	-3.079.170,17	12.854.594,30
Caixa Brasil Gestão Estratégica	66.906.584,92	3.867.559,85	-438.699,21	3.428.860,64	60.335.445,56
Caixa Brasil IMA-B	58.967.972,55	5.721.190,99	-5.418.142,89	303.048,10	60.357.020,65
Fundo Renda Fixa DI	**92.509.807,22**	**3.274.164,40**	**-691.542,44**	**2.582.621,96**	**109.328.897,79**
Bradesco FIC FI Alocação	16.667.821,83	941.121,74	-503.313,88	437.807,86	17.102.098,30
Caixa Brasil RF Ativa		56.523,77	-26.506,94	30.016,83	8.050.016,83
Itaú Institucional Alocação	45.542.889,62	1.562.634,91	-80.181,49	1.482.453,42	64.210.343,04
Santander RF Ativo (350)	1.696.641,31	44.194,79	-6.318,89	37.875,90	1.773.517,21
Santander RF Ativo (150)	28.602.454,46	669.689,19	-75.221,24	594.467,95	18.192.922,41
Fundo Renda Variável	**0,00**	**1.066.964,75**	**-494.634,51**	**572.330,24**	**14.688.330,24**
Caixa Small Cap Ativo		554.468,68	-189.374,13	365.094,55	7.488.094,55
Caixa Infraestrutura		512.496,07	-305.260,38	207.235,69	7.200.235,69
Consolidado	**401.568.842,56**	**27.191.561,06**	**-17.303.973,75**	**9.887.587,31**	**408.168.872,65**

Composição dos Investimentos

A Carteira de Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU** é composta por **12 (doze)** fundos de investimentos e por uma Carteira de Títulos Públicos com vencimento para 2021 e Títulos com vencimento para 2024:

Informações	BB Previdenciário RF Alocação Ativa FIC FI	BB Previdenciário RF TP XI 2022	BB Previdenciário RF IMA-B 5+
CNPJ	25.078.994/0001-60	24.117.278/0001-01	13.327.340/0001-73
Segmento	Renda Fixa	Renda Fixa	Renda Fixa
Classificação	Renda Fixa	Renda Fixa	Renda Fixa
Índice	IMA-Geral ex-C	IDKA IPCA 5A	IMA-B 5+
Administrador	BB Gestão de Recursos	BB Gestão de Recursos	BB Gestão de Recursos
Gestor	BB Gestão de Recursos	BB Gestão de Recursos	BB Gestão de Recursos
Custodiante	Bando do Brasil SA	Bando do Brasil SA	Bando do Brasil SA
Data de Início	31/08/2016	14/03/2016	28/04/2011
Taxa de Administração	0,30% a.a.	0,20% a.a	0,20% a.a.
Taxa de Performance	Não Possui	Não Possui	Não Possui
Carência	Não há	2022	Não há
Aplicação	D+0	D+0	D+0
Resgate	D+3	D+2	D+2
Risco de Mercado	5- Muito Alto	3- Médio	5- Muito Alto
Enquadramento	Artigo 7º I B (100% PL)	Artigo 7º I B (100% PL)	Artigo 7º I B (100% PL)
Cotista			
dez/19	580	45	342
jan/20	583	45	332
fev/20	593	45	316
mar/20	596	45	324
abr/20	595	45	353
mai/20	595	45	319
jun/20	600	45	310
jul/20	593	45	312
ago/20	600	45	312
Patrimônio			
dez/19	9.800.245.404,11	197.662.269,88	2.584.536.131,14
jan/20	10.446.730.359,40	198.928.383,39	2.287.850.661,28
fev/20	10.908.803.618,87	195.398.581,16	2.259.425.476,17
mar/20	10.536.452.770,12	192.010.088,06	1.940.264.057,52
abr/20	10.512.554.833,50	192.891.147,13	1.937.305.372,80
mai/20	10.653.642.517,78	196.923.913,53	1.970.647.318,20
jun/20	10.783.491.196,95	199.252.491,46	1.945.603.761,59
jul/20	10.799.663.748,52	200.811.673,97	2.088.485.812,23
ago/20	10.897.747.304,90	197.496.477,64	1.987.566.192,50
Rentabilidade			
2019	13,07%	14,07%	30,05%
jan/20	0,49%	0,64%.	0,05%
fev/20	0,46%.	0,73%	0,30%
mar/20	**-2,10%**	**-1,73%**	**-10,89%**
abr/20	0,91%	0,46%	1,92%
mai/20	1,07%	2,09%	1,00%
jun/20	0,95%	1,18%	2,80%
jul/20	1,77%	0,78%	7,28%
ago/20	**-0,89%**	0,82%	**-3,69%**
2020	**2,63%**	**5,03%**	**-2,23%**

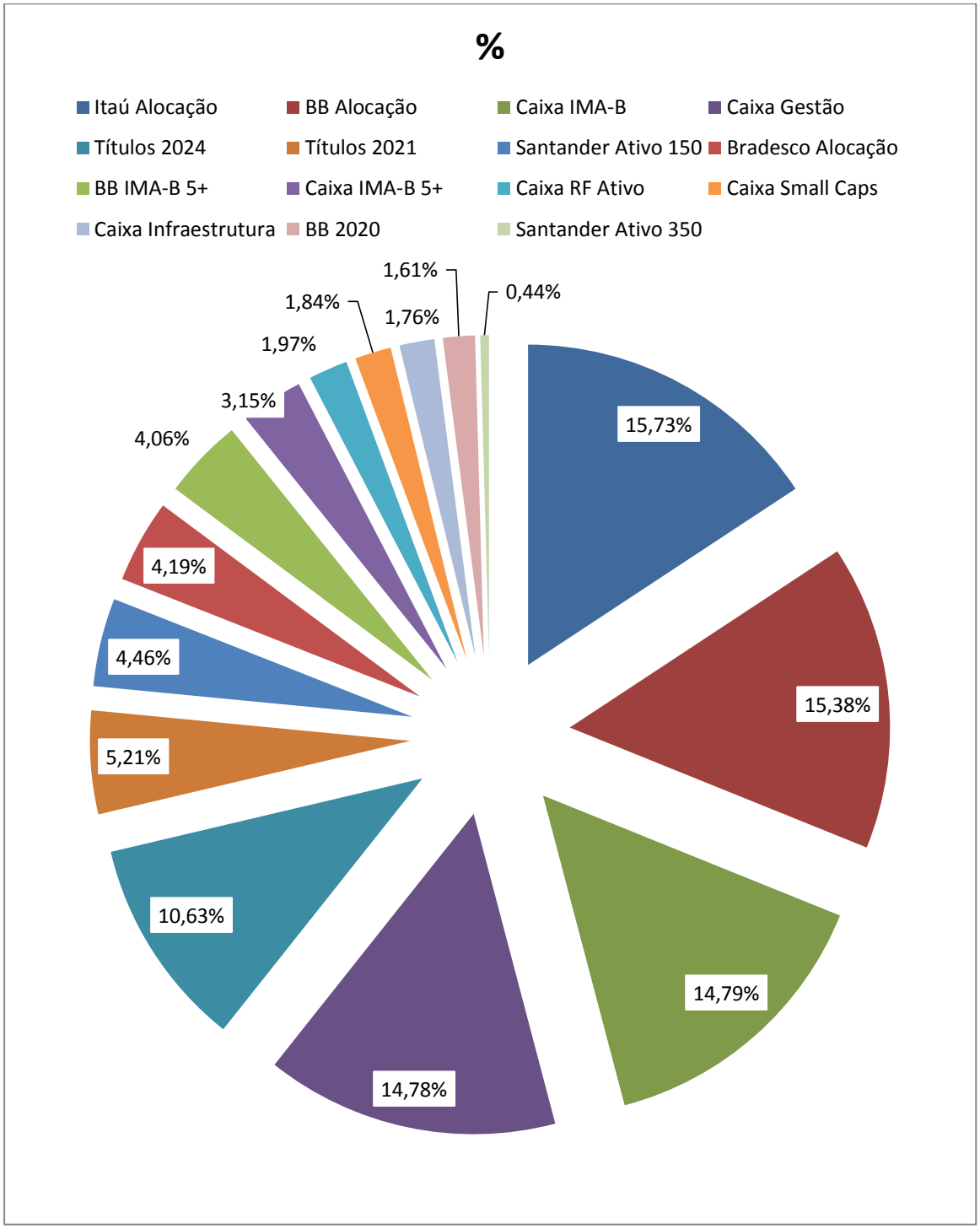
Informações	Bradesco FIC FI RF Alocação Dinâmica
CNPJ	28.515.874/0001-09
Segmento	Renda Fixa
Classificação	Renda Fixa
Índice	IPCA
Administrador	Banco Bradesco S.A.
Gestor	BRAM - Bradesco Asset Management S.A.
Custodiante	BRAM - Bradesco Asset Management S.A.
Data de Início	28/12/2017
Taxa de Administração	0,40% a.a.
Taxa de Performance	Não Possui
Carência	Não Possui
Aplicação	D+0
Resgate	D+4
Risco de Mercado	2- Baixo
Enquadramento	Artigo 7º IV A (40% PL)
Cotista	
dez/19	167
jan/20	169
fev/20	172
mar/20	169
abr/20	172
mai/20	172
jun/20	174
jul/20	178
ago/20	189
Patrimônio	
dez/19	1.115.373.957,02
jan/20	1.129.534.794,06
fev/20	1.234.231.884,13
mar/20	1.169.262.014,09
abr/20	1.194.562.049,15
mai/20	1.173.420.753,93
jun/20	1.185.458.143,51
jul/20	1.237.407.026,84
ago/20	1.372.728.315,02
Rentabilidade	
2019	12,43%
jan/20	0,43%
fev/20	0,39%
mar/20	**-2,11%**
abr/20	1,02%
mai/20	1,12%
jun/20	0,95%
jul/20	1,71%
ago/20	-0,86%
2020	**1,71%**

Informações	Caixa Brasil IMA-B	Caixa Brasil IMA-B 5+
CNPJ	10.740.65/0001-93	10.577.503/0001-88
Segmento	Renda Fixa	Renda Fixa
Classificação	Renda Fixa	Renda Fixa
Índice	IMA-B	IMA-B 5+
Administrador	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Gestor	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Custodiante	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Data de Início	08/03/2010	18/04/2012
Taxa de Administração	0,20% a.a.	0,20% a.a.
Taxa de Performance	Não Possui	Não Possui
Carência	Não Possui	Não Possui
Aplicação	D+0	D+0
Resgate	D+0	D+0
Risco de Mercado	3- Médio	3- Médio
Enquadramento	Artigo 7º I B (100% PL)	Artigo 7º I B (100% PL)
Cotista		
dez/19	949	362
jan/20	941	359
fev/20	941	351
mar/20	913	354
abr/20	906	353
mai/20	904	353
jun/20	901	340
jul/20	905	342
ago/20	905	339
Patrimônio		
dez/19	6.694.097.987,69	2.752.338.613,28
jan/20	6.604.088.892,56	2.270.256.483,13
fev/20	6.609.422.706,56	2.293.876.669,47
mar/20	5.890.819.394,91	1.935.373.241,51
abr/20	5.880.207.997,15	1.937.305.372,80
mai/20	5.962.762.833,75	1.931.164.845,98
jun/20	5.979.262.081,07	1.967.228.116,14
jul/20	6.313.416.954,01	2.059.270.796,72
ago/20	6.019.680.821,86	1.873.284..904,48
Rentabilidade		
2019	22,59%	29,74%
jan/20	0,25%	**-0,04%**
fev/20	0,44%	0,29%
mar/20	**-7,10%**	**-10,91%**
abr/20	1,30%	1,95%
mai/20	1,50%	1,00%
jun/20	2,03%	2,83%
jul/20	4,38%	7,29%
ago/20	-1,83%	-3,64%
2020	0,54%	-2,24%

Informações	Caixa Brasil Gestão Estratégica	Caixa Brasil Renda Fixa Longo Prazo	Caixa Small Cap Ativo Ações	Caixa Ações Infraestrutura
CNPJ	23.215.097/0001-55	35.536.532/0001-22	15.154.220/0001-47	10.551.382/0001-03
Segmento	Renda Fixa	Renda Fixa	Renda Variável	Renda Variável
Índice	IPCA		Small Cap	
Administrador	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Gestor	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Custodiante	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal	Caixa Econômica Federal
Data de Início	04/11/2016	15/04/2020	01/11/2012	19/04/2010
Taxa de Administração	0,40% a.a.	0,40% a.a.	1,50% a.a.	2,00%
Taxa de Performance	Não Possui	Não Possui	Não Possui	Não Possui
Carência	Não Possui	Não Possui	Não Possui	Não Possui
Aplicação	D+0	D+0	D+1	D+1
Resgate	D+0	D+1	D+3	D+3
Risco de Mercado	3- Médio	3- Médio	5- Muito Alto	4- Alto
Enquadramento	Artigo 7º I B (100% PL)	Artigo 7º IV A (40% PL)	Artigo 8º II Alínea A	Artigo 8º II Alínea A
Cotista				
dez/19	695		12.392	8.164
jan/20	717		18.810	11.169
fev/20	731		20.282	12.146
mar/20	733		16.314	9.496
abr/20	743	12	16.228	9.427
mai/20	752	30	15.975	9.307
jun/20	763	56	16.254	9.429
jul/20	791	63	16.819	9.678
ago/20	852	81	16.747	9.681
Patrimônio				
dez/19	9.818.666.120,10		1.147.989.407,83	484.754.191,32
jan/20	10.136.705.212,45		1.590.900.361,63	637.052.065,19
fev/20	10.626.779.468,55		1.542.999.030,98	615.683.381,90
mar/20	11.020.077.699,37		894.019.781,17	325.302.071,55
abr/20	11.368.843.034,79	39.132.101,78	965.556.817,86	369.805.422,58
mai/20	12.026.220.422,43	138.316.064,36	950.738.261,40	406.858.783,81
jun/20	12.211.119.756,17	254.000.669,64	1.090.602.347,47	473.877.856,42
jul/20	12.451.209.797,34	317.928.560,39	1.227.996.315,01	534.839.440,79
ago/20	13.462.808.031,17	475.936.731,51	1.226.260.606,95	523.396.542,73
Rentabilidade				
2019	16,43%		54,75%	54,32%
jan/20	0,82%		0,50%	1,12%
fev/20	0,62%		-8,6	-9,16
mar/20	**-0,13%**		**-35,06%**	**-30,78%**
abr/20	1,11%	**-0,09%**	11,33%	10,49%
mai/20	1,38%	1,44%	4,76%	11,04%
jun/20	0,75%	0,66%	12,89%	7,50%
jul/20	0,98%	0,93%	9,27%	8,53%
ago/20	-0,56%	-0,35%	-1,39%	-3,66%
2020	**5,06%**	**2,61%**	**-15,36%**	**-12,31%**

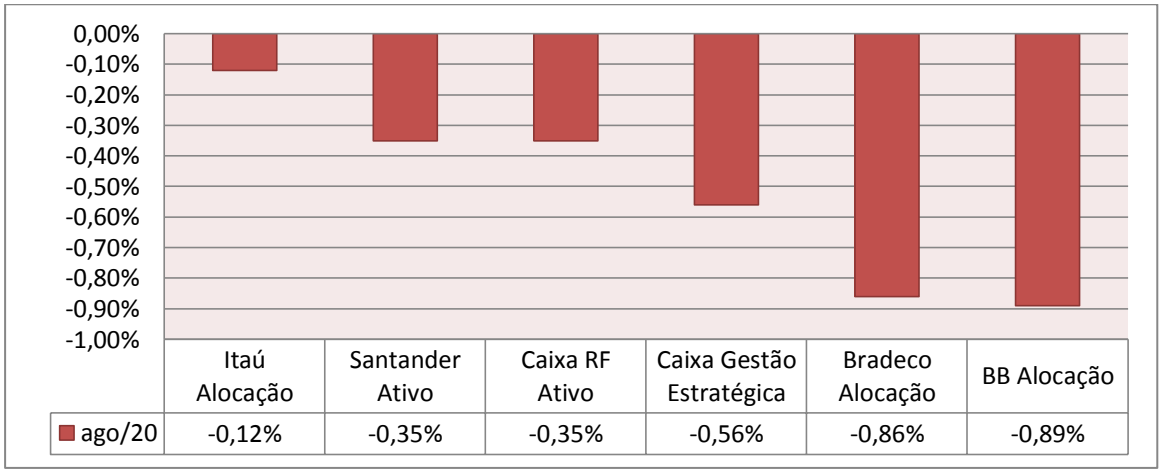
Informações	Itaú Institucional Alocação Dinâmica
CNPJ	21.838.150/0001-49
Segmento	Renda Fixa
Classificação	Renda Fixa
Índice	IPCA
Administrador	Itaú Unibanco S.A
Gestor	Itaú Unibanco S.A
Custodiante	Itaú Unibanco S.A
Data de Início	01/06/2015
Taxa de Administração	0,40% a.a.
Taxa de Performance	Não Possui
Carência	Não Possui
Aplicação	D+0
Resgate	D+1
Risco de Mercado	2- Baixo
Enquadramento	Artigo 7º IV A (40% PL)
Cotista	
dez/19	289
jan/20	288
fev/20	282
mar/20	279
abr/20	283
mai/20	285
jun/20	288
jul/20	288
ago/20	289
Patrimônio	
dez/19	5.154.074.278,85
jan/20	5.214.674.759,25
fev/20	5.092.614.949,01
mar/20	5.019.962.419,71
abr/20	5.076.848.328,78
mai/20	5.202.369.354,06
jun/20	5.170.951.886,47
jul/20	5.186.154.771,17
ago/20	5.008.664.363,26
Rentabilidade	
2019	11,91%
jan/20	0,34%.
fev/20	0,26%
mar/20	0,53%
abr/20	0,14%
mai/20	0,54%
jun/20	0,44%
jul/20	0,55%
ago/20	-0,12%
2020	**2,70%**

Informações	Santander Ativo
CNPJ	26.507.132/0001-06
Segmento	Renda Fixa
Classificação	Renda Fixa
Índice	
Administrador	Banco Santander Brasil SA
Gestor	Santander Brasil Gestão de Recursos Ltda
Custodiante	Santander Securities Services Brasil DTVM S.A.
Data de Início	09/05/2017
Taxa de Administração	0,40% a.a.
Taxa de Performance	Não Possui
Carência	Não Possui
Aplicação	D+0
Resgate	D+1
Risco de Mercado	3- Médio
Enquadramento	Artigo 7º IV A (40% PL)
Cotista	
dez/19	90
jan/20	96
fev/20	100
mar/20	102
abr/20	97
mai/20	100
jun/20	105
jul/20	114
ago/20	120
Patrimônio	
dez/19	687.082.646,86
jan/20	853.720.753,34
fev/20	889.776.360,07
mar/20	877.373.790,60
abr/20	872.052.262,42
mai/20	994.985.516,13
jun/20	963.558.316,17
jul/20	977.349.938,14
ago/20	1.131.802.857,33
Rentabilidade	
2019	13,69%
jan/20	0,34%
fev/20	0,27%
mar/20	0,09%
abr/20	0,44%
mai/20	0,48%
jun/20	0,34%
jul/20	0,53%
ago/20	-0,35%
2020	**2,16%**


%
Itaú Alocação
BB Alocação
Caixa IMA-B
Caixa Gestão
Títulos 2024
Títulos 2021
Santander Ativo 150
Bradesco Alocação
BB IMA-B 5+
Caixa IMA-B 5+
Caixa RF Ativo
Caixa Small Caps
Caixa Infraestrutura
BB 2020
Santander Ativo 350
15,73%
15,38%
14,79%
14,78%
10,63%
5,21%
4,46%
4,19%
4,06%
3,15%
1,97%
1,84%
1,76%
1,61%
0,44%

Melhor Desempenho no Mês

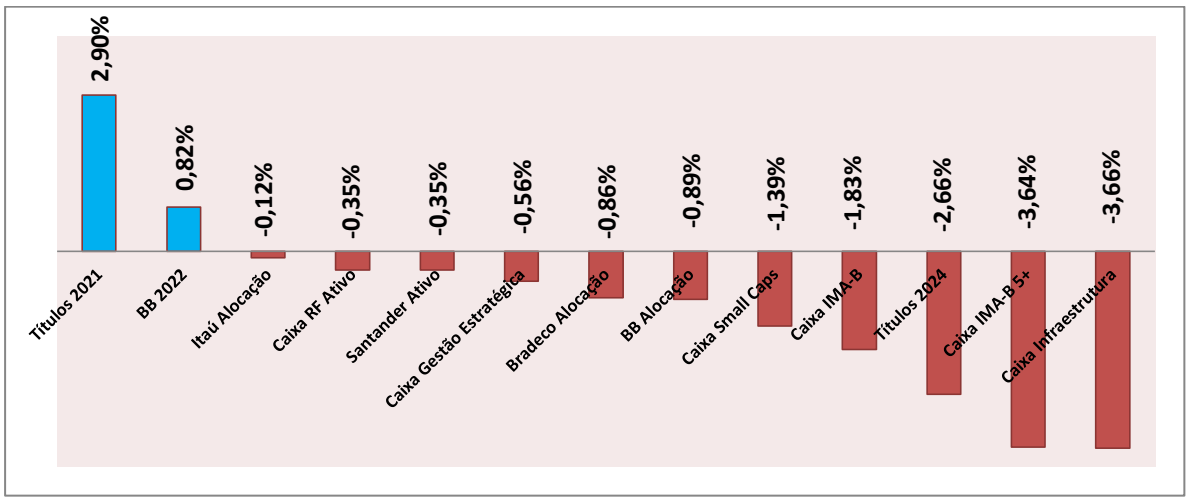
No mês de agosto/2020 todos os fundos apresentaram rendimento negativo dentro dos fundos com "**Gestão Estratégica**". O que apresentou a menor desvalorização foi o fundo "Itaú Institucional Alocação Dinâmica" com **-0,12%.** A aplicação no fundo representa 15,731% do PL do IPMU: **R$ 64.210.343,04** (sessenta e quatro milhões duzentos e dez mil trezentos e quarenta e três reais e quatro centavos).



	Itaú Alocação	Santander Ativo	Caixa RF Ativo	Caixa Gestão Estratégica	Bradeco Alocação	BB Alocação
ago/20	-0,12%	-0,35%	-0,35%	-0,56%	-0,86%	-0,89%

Pior Desempenho no Mês

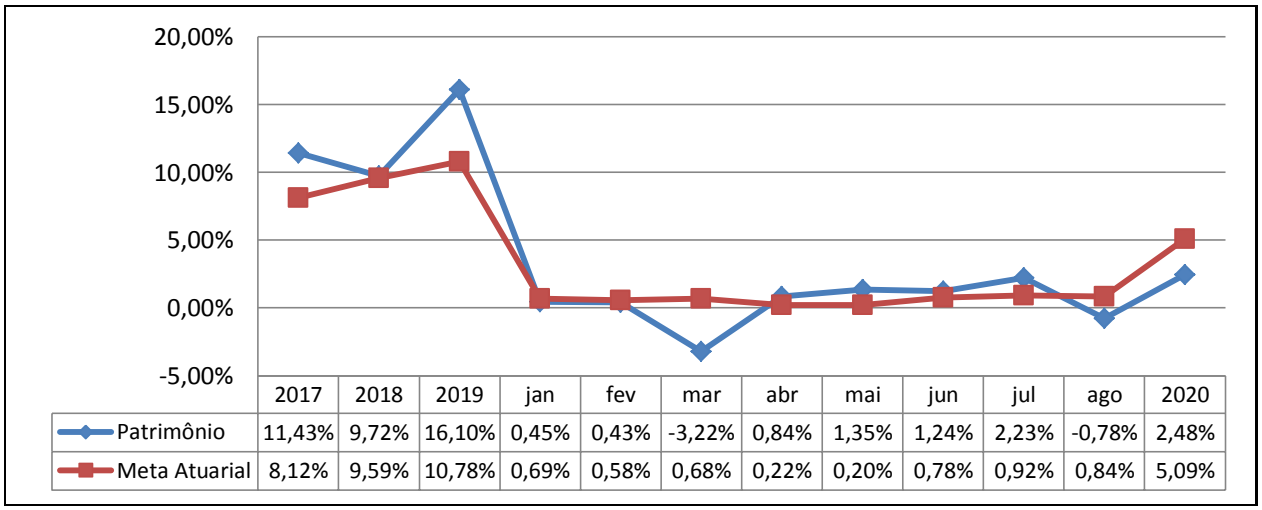
O pior desempenho dos investimentos do IPMU no fechamento do mês foi o fundo "renda fixa" **BB PREVIDENCIÁRIO RF IMA-B 5+** com desvalorização de **-3,69%**. A aplicação no fundo representa 4,0583% do PL do IPMU: **R$ 16.564.719,53** (dezesseis milhões quinhentos e sessenta e quatro mil setecentos e dezenove reais e cinquenta e três centavos).

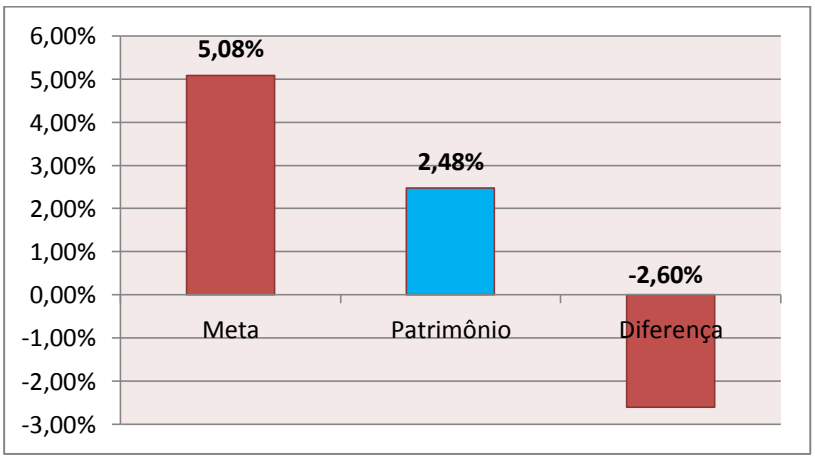


Meta Atuarial

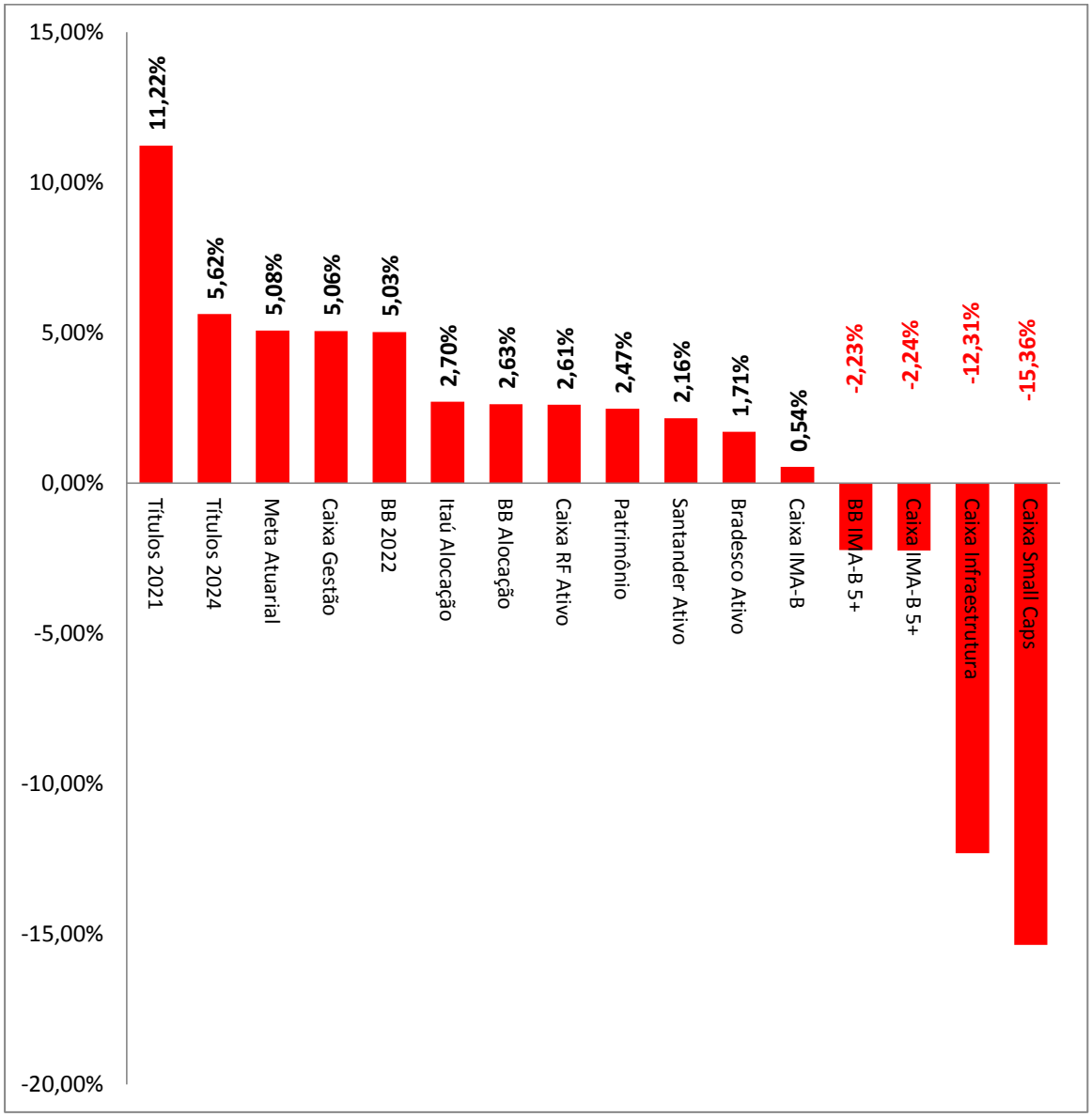
O desempenho geral da carteira no encerramento do mês de **agosto/2020** foi negativo, refletindo a instabilidade do mercado financeiro, parecido com o de mês de março/2020, quando o resultado foi comprometido principalmente pelo desempenho ruim dos investimentos em fundos IMA – parte longa. A rentabilidade consolidada da carteira do IPMU no período foi positiva em **2,477%,** distante da meta atuarial (IPCA + 5,86% a.a.) que encerrou em **5,0807%**.

%	2017	2018	2019	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	2020
Patrimônio	11,43	9,72	16,10	0,45	0,43	**-3,22**	0,84	1,35	1,24	2,23	**-0,78**	2,477
Meta	8,12	9,59	10,78	0,69	0,58	0,68	0,22	0,20	0,78	0,91	0,83	5,080

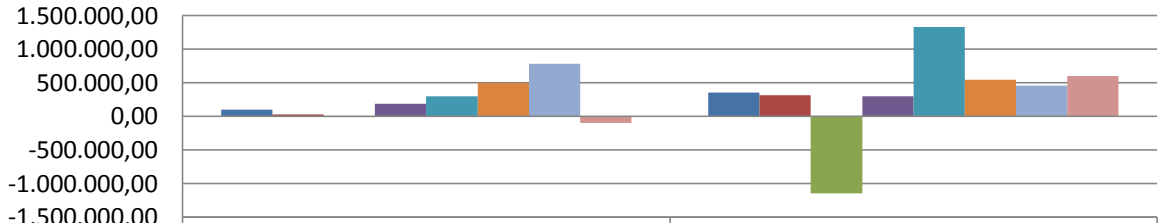




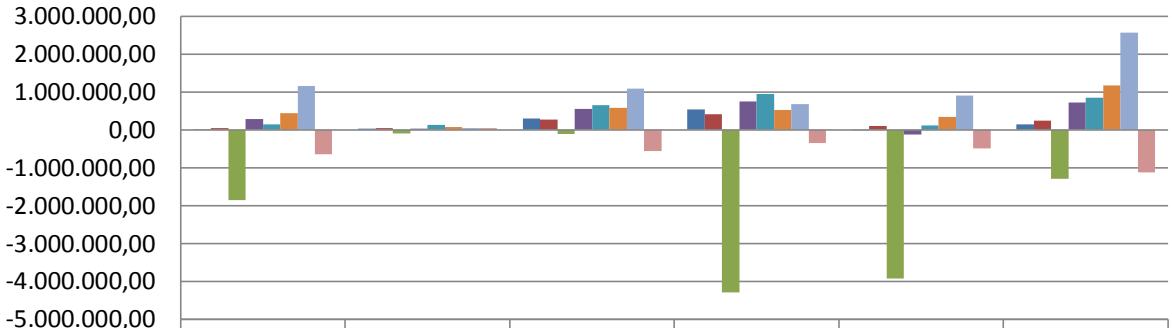
Rentabilidade Consolidada Jan/Ago 2020



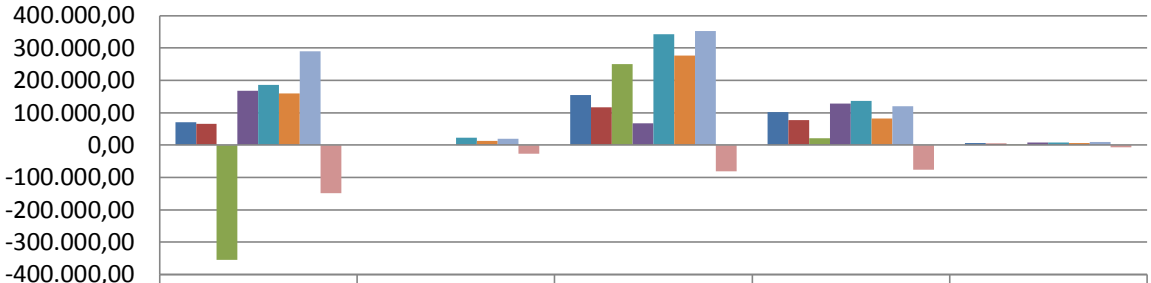
Retorno Mensal dos Investimentos



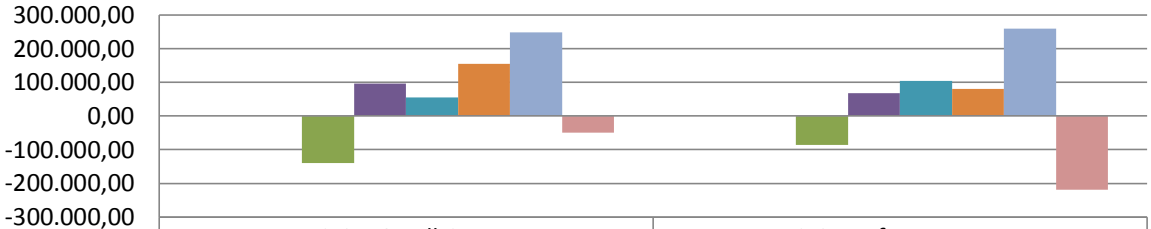
	NTN-B 150824	NTN-C 010421
31/01/2020	101.102,86	354.266,20
28/02/2020	24.090,03	312.372,86
31/03/2020	-11.933,48	-1.145.897,41
30/04/2020	184.985,75	297.782,51
31/05/2020	295.789,90	1.332.404,93
30/06/2020	498.804,69	543.970,39
31/07/2020	784.147,05	457.242,16
31/08/20020	-96.918,18	600.187,86



	BB Previd. IMA-B5+	BB Previdenciário 2022	BB Previd. Alocação	Caixa Gestão Estratégica	Caixa Brasil IMAB 5+	Caixa Brasil IMA B
31/01/2020	8.030,02	41.832,74	295.593,79	548.166,25	-13.851,85	145.450,99
28/02/2020	50.688,74	47.717,02	278.139,37	416.261,37	102.668,82	244.052,45
31/03/2020	-1.850.889,9	-88.690,57	-112.943,65	-4.292.775,8	-3.929.781,2	-1.293.959,4
30/04/2020	290.739,73	29.369,02	550.173,08	753.257,33	-122.428,60	731.716,10
31/05/2020	154.044,95	134.415,09	652.256,66	944.917,63	119.731,60	853.591,19
30/06/2020	436.682,59	77.613,23	583.340,37	520.833,33	341.873,02	1.169.266,93
31/07/2020	1.166.831,10	51.968,70	1.097.294,07	684.123,94	906.660,10	2.577.113,33
31/08/2020	-634.332,85	54.870,07	-561.975,98	-350.008,64	-486.042,05	-1.125.367,0



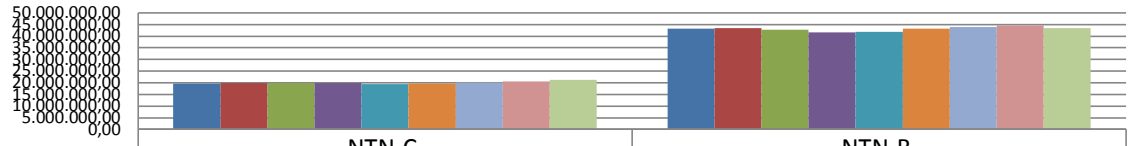
	Bradesco Alocação	Caixa RF Ativo	Itaú Alocação Ativo	Santander RF Ativo (150)	Santander RF Ativo (350)
31/01/2020	71.474,32	0,00	155.192,59	102.656,28	6.105,08
28/02/2020	65.288,23	0,00	117.730,86	76.699,88	4.698,86
31/03/2020	-354.956,70	0,00	249.937,94	21.084,74	1.621,95
30/04/2020	168.283,15	0,00	67.488,51	128.794,49	7.802,97
31/05/2020	186.600,73	23.760,90	342.217,15	136.453,16	8.509,71
30/06/2020	159.622,39	13.551,48	277.454,76	82.946,14	5.962,72
31/07/2020	289.852,92	19.211,39	352.613,10	121.054,50	9.493,50
31/08/2020	-148.357,18	-26.506,94	-80.181,49	-75.221,24	-6.318,89



	Caixa Small Caps	Caixa Infraestrutura
31/01/2020	0,00	0,00
28/02/2020	0,00	0,00
31/03/2020	-139.482,00	-85.592,03
30/04/2020	96.306,60	67.267,96
31/05/2020	55.096,96	105.007,61
30/06/2020	154.598,62	81.088,76
31/07/2020	248.466,50	259.131,74
31/08/2020	-49.892,13	-219.668,35

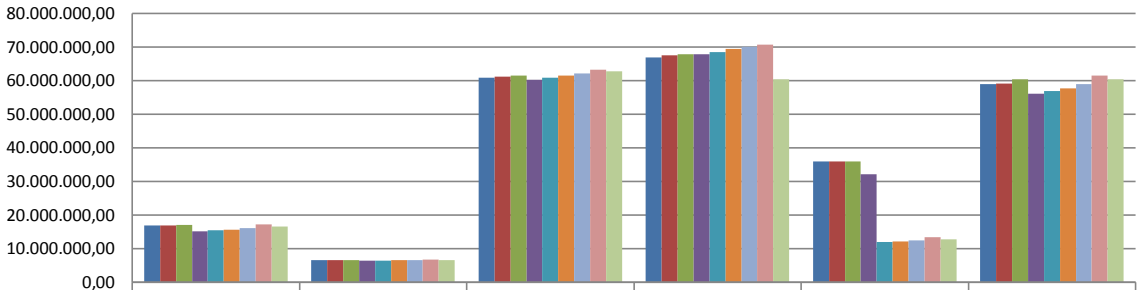
Aplicação por fundo de investimentos

Artigo 7º I - Alínea A (Títulos Públicos)



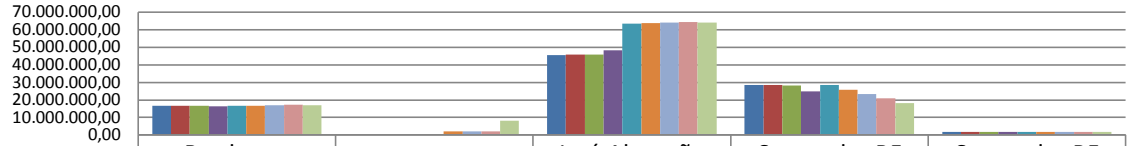
	NTN-C	NTN-B
31/12/2019	19.674.136,21	43.203.706,99
31/01/2020	19.775.239,07	43.557.973,19
28/02/2020	19.799.329,10	42.781.927,13
31/03/2020	19.787.395,62	41.636.029,72
30/04/2020	19.425.930,23	41.933.812,23
31/05/2020	19.721.720,13	43.266.217,16
30/06/2020	20.220.524,82	43.810.187,55
31/07/2020	20.677.766,98	44.594.334,60
31/08/2020	21.227.954,84	43.406.260,65

Artigo 7º Inciso I Alínea B (Fundo 100% Títulos Públicos)



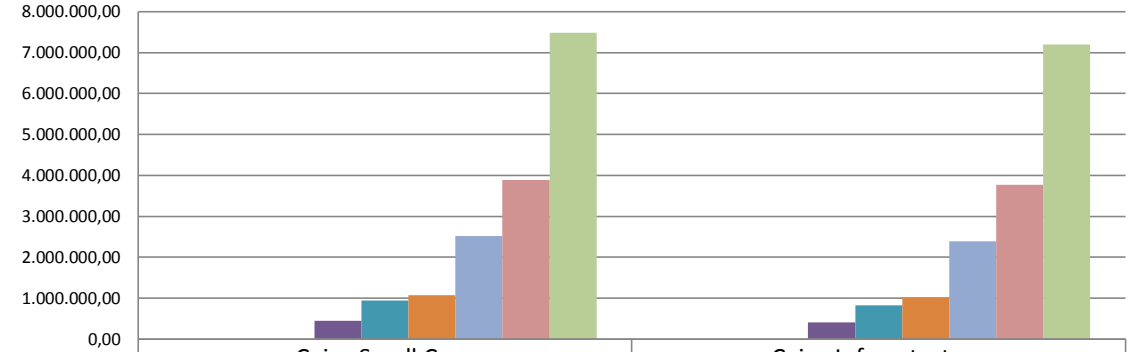
	BB Previd. IMA-B5+	BB Previdenciário 2022	BB Previd. Alocação	Caixa Gestão Estratégica	Caixa Brasil IMAB 5+	Caixa Brasil IMA B
31/12/2019	16.942.925,22	6.588.229,70	60.841.715,28	66.906.584,92	35.933.764,47	58.967.972,55
31/01/2020	16.950.955,24	6.630.062,44	61.137.309,07	67.454.751,17	35.919.912,62	59.113.423,54
28/02/2020	17.001.643,98	6.512.779,28	61.580.448,62	67.871.012,54	36.024.581,44	60.443.475,99
31/03/2020	15.150.754,01	6.399.835,63	60.286.489,15	67.782.321,97	32.094.800,23	56.150.700,18
30/04/2020	15.441.493,74	6.429.204,65	60.836.662,23	68.535.576,30	11.972.371,73	56.882.416,28
31/05/2020	15.595.538,69	6.563.619,74	61.488.918,89	69.480.496,93	12.092.103,23	57.736.007,47
30/06/2020	16.032.221,28	6.641.232,97	62.072.259,26	70.001.330,26	12.433.976,25	58.905.274,40
31/07/2020	17.199.052,38	6.693.201,67	63.169.553,33	70.685.454,20	13.340.636,35	61.482.387,73
31/08/202	16.564.719,53	6.582.702,73	62.772.946,36	60.335.445,56	12.854.594,30	60.357.020,65

Artigo 7º Inciso IV (Fundo Renda Fixa)



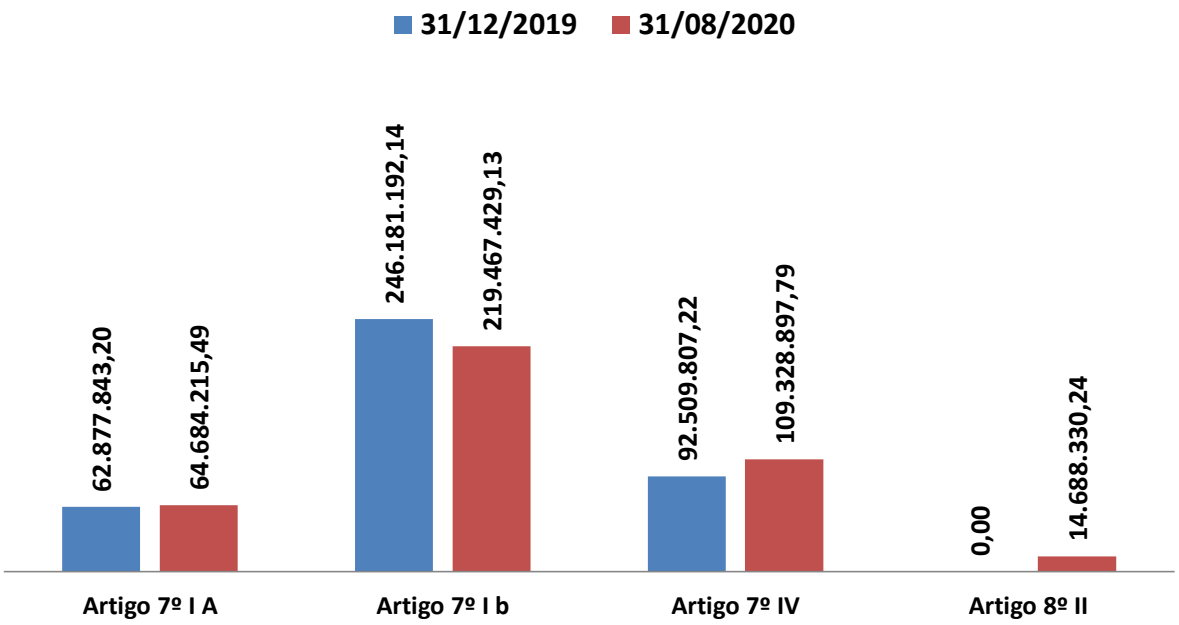
	Bradesco Alocação	Caixa RF Ativo	Itaú Alocação Ativo	Santander RF Ativo (150)	Santander RF Ativo (350)
31/12/2019	16.667.821,83	0,00	45.542.889,62	28.602.454,46	1.696.641,31
31/01/2020	16.739.296,15	0,00	45.698.082,21	28.445.110,74	1.766.746,39
28/02/2020	16.804.584,38	0,00	45.815.813,07	28.295.810,62	1.771.445,25
31/03/2020	16.449.627,68	0,00	48.145.751,01	24.851.895,36	1.763.067,20
30/04/2020	16.617.910,83	0,00	63.318.239,52	28.439.689,85	1.760.870,17
31/05/2020	16.800.980,17	2.043.760,90	63.660.456,67	25.845.143,01	1.769.379,88
30/06/2020	16.960.602,56	2.057.312,38	63.937.911,43	23.418.089,15	1.790.342,60
31/07/2020	17.250.455,48	2.076.523,77	64.290.524,53	21.018.143,65	1.789.836,10
31/08/2020	17.102.098,30	8.050.016,83	64.210.343,04	18.192.922,41	1.773.517,21

Artigo 8º Inciso II (Fundo de Ações)



	Caixa Small Caps	Caixa Infraestrutura
31/12/2019	0,00	0,00
31/01/2020	0,00	0,00
28/02/2020	0,00	0,00
31/03/2020	450.518,00	414.407,97
30/04/2020	936.824,60	831.675,93
31/05/2020	1.076.921,56	1.021.683,54
30/06/2020	2.516.520,18	2.387.772,30
31/07/2020	3.883.986,68	3.765.904,04
31/08/2020	7.488.094,55	7.200.235,69

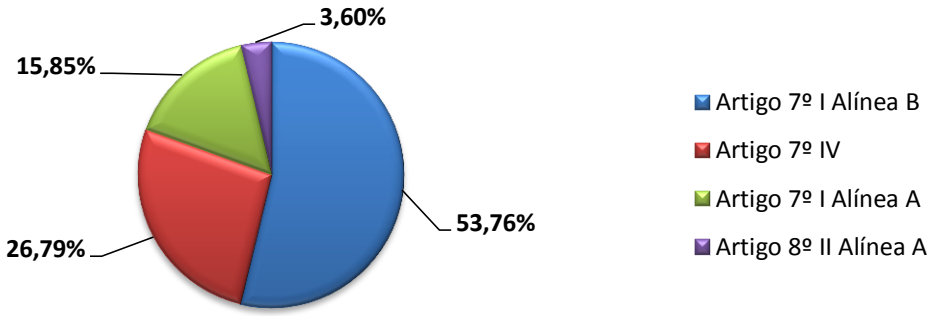
Aplicação por enquadramento

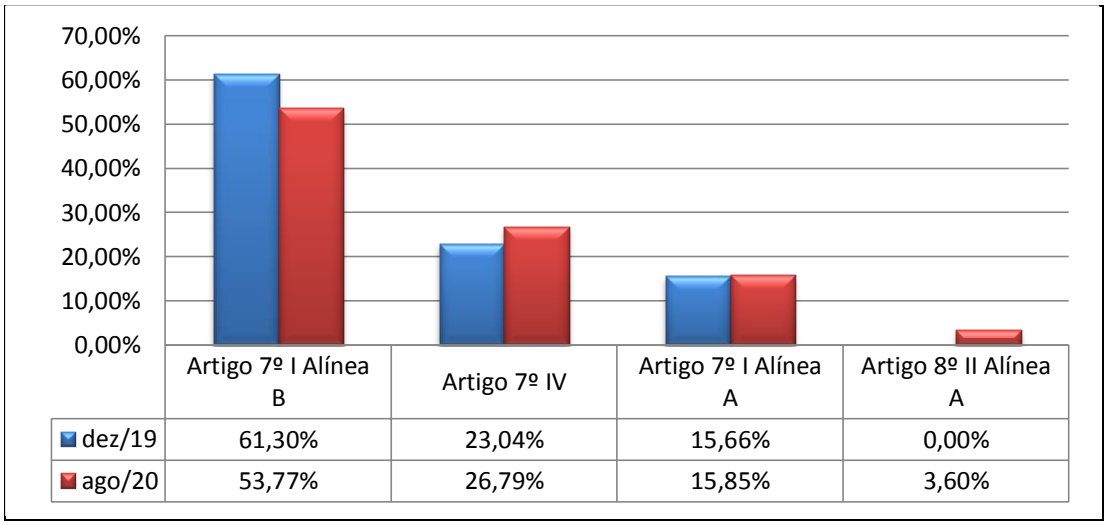


Diversificação por classe de ativos

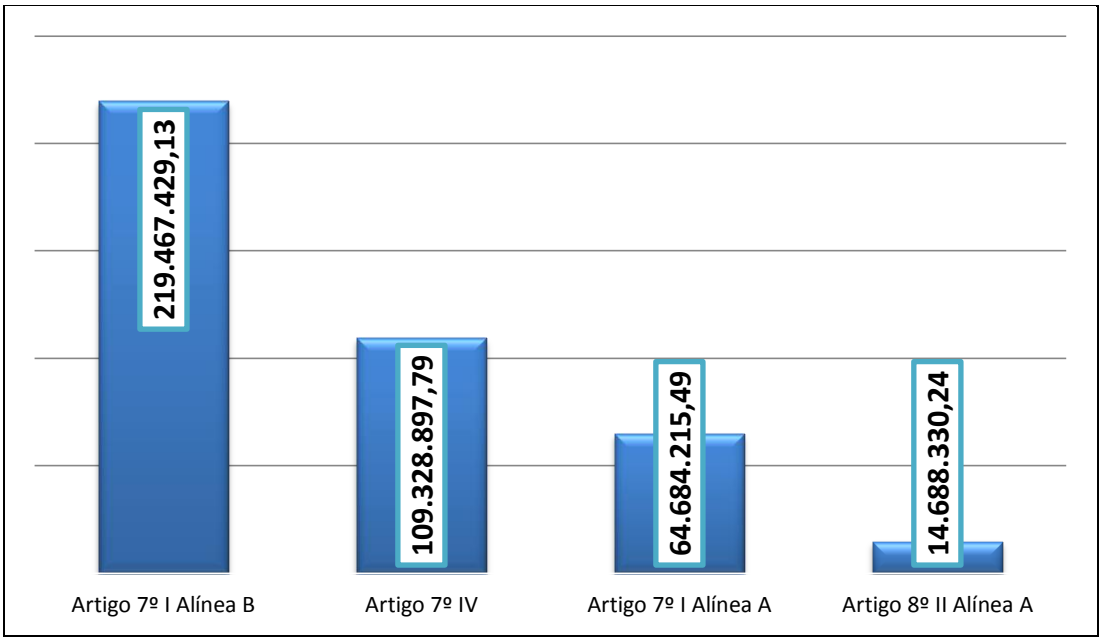
Com relação à diversificação por classe de ativos/fatores de risco, observamos a seguinte distribuição:

Alocação Por Artigo



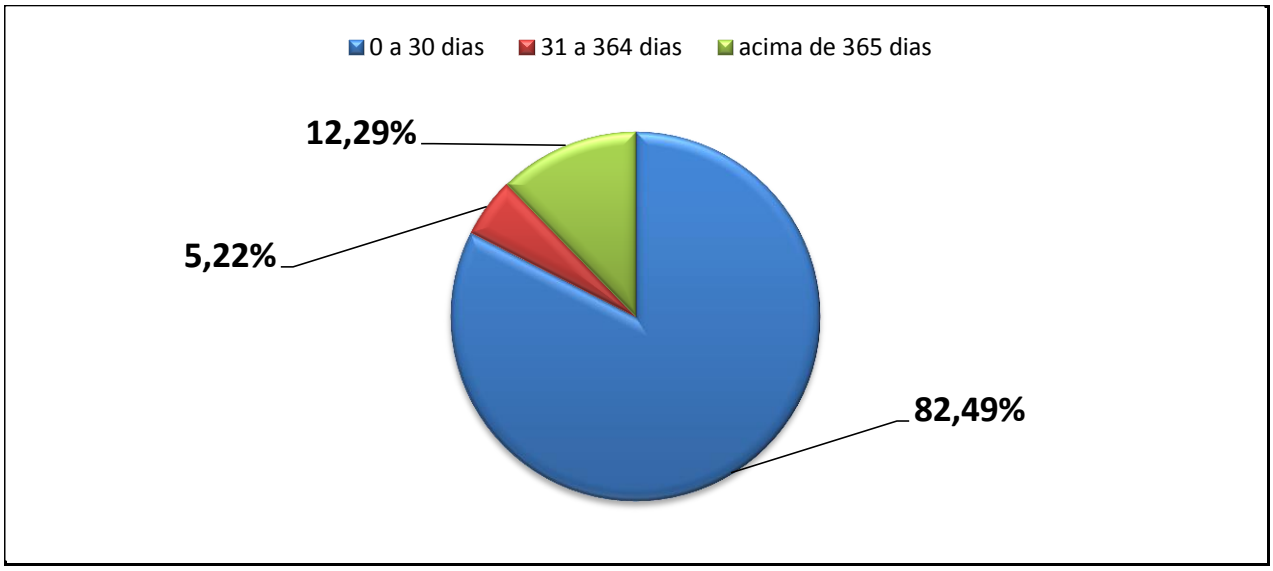


	Artigo 7º I Alínea B	Artigo 7º IV	Artigo 7º I Alínea A	Artigo 8º II Alínea A
dez/19	61,30%	23,04%	15,66%	0,00%
ago/20	53,77%	26,79%	15,85%	3,60%



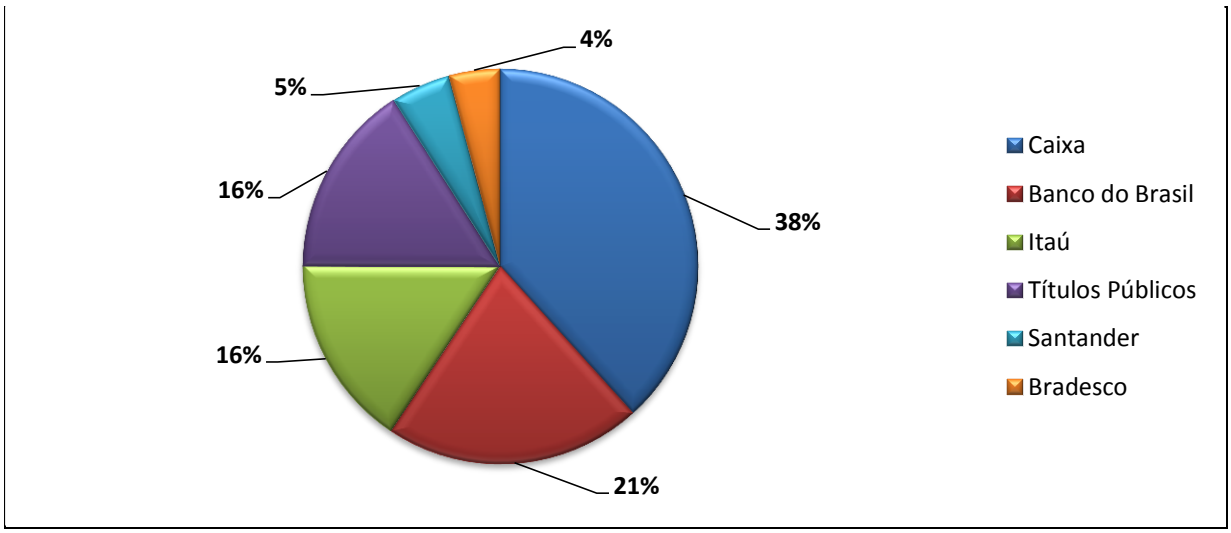
Análise de liquidez

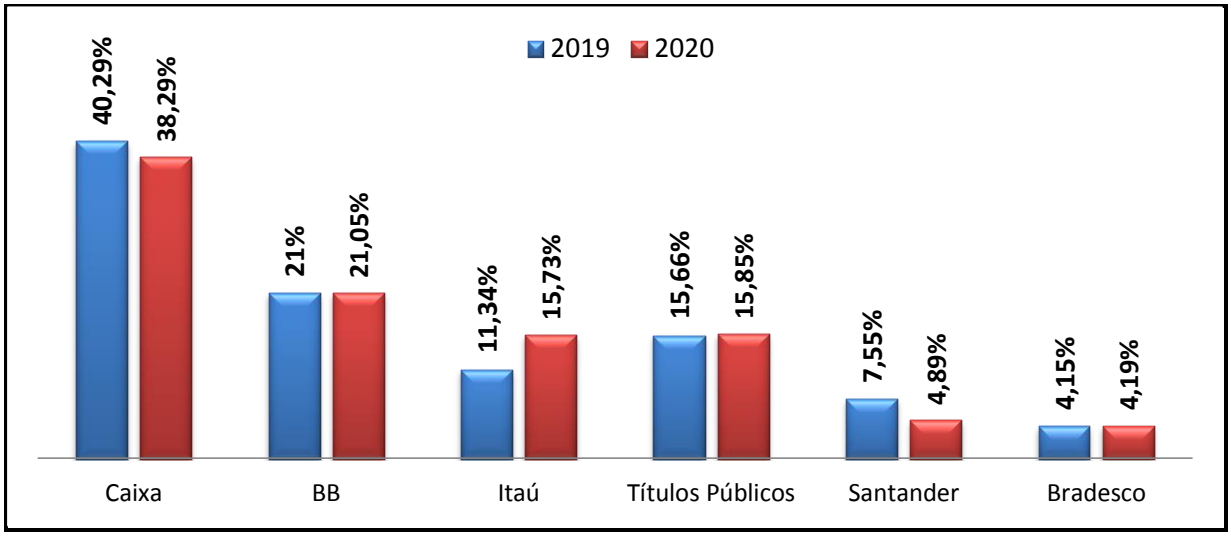
Com relação à liquidez na carteira de investimentos, verifica-se que **82,49%** das aplicações financeiras tem liquidez de até 30 dias.

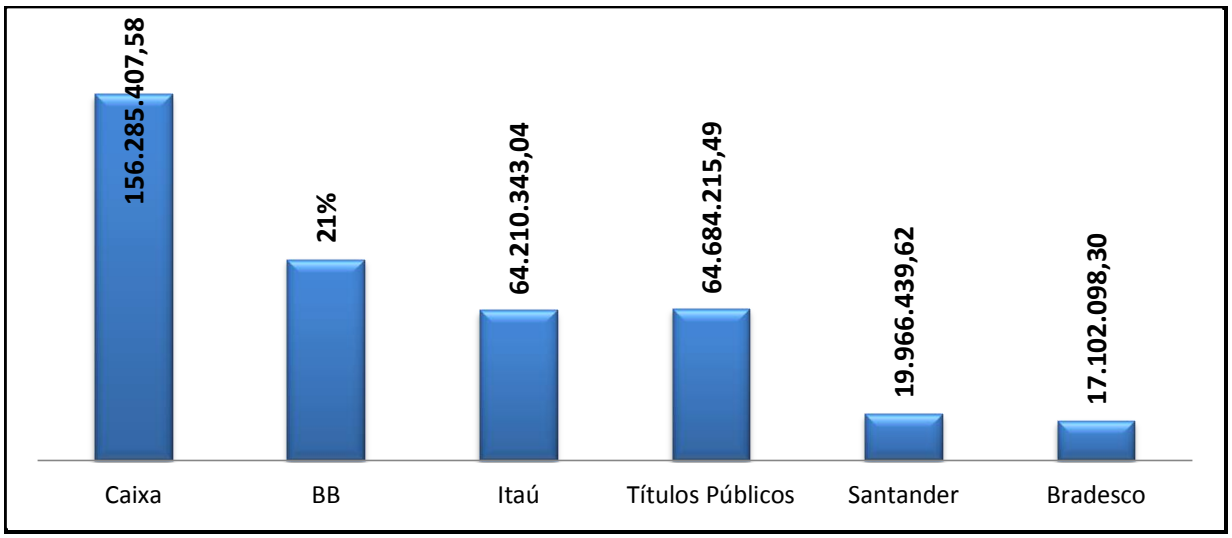


Alocação por gestor

Para a diversificação de ativos, a Política de Investimentos para 2020 estabelece que o IPMU deverá manter seus recursos em no mínimo 03 (três) e no máximo 12 (doze) instituições financeiras, devidamente autorizadas a funcionar no País pelo Banco Central do Brasil, cujos gestores e administradores figurem entre os 10 (dez) primeiros colocados no ranking da Anbima – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capital, não ocorrendo limitação de alocação por gestor/administrador.



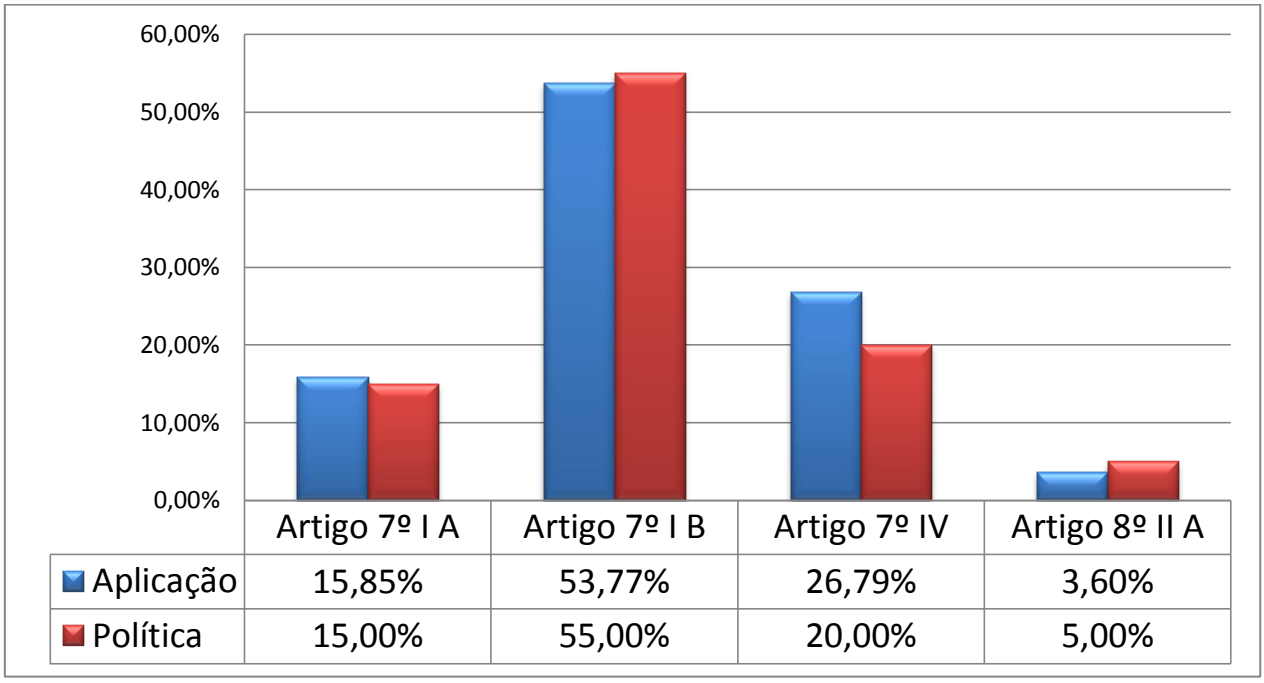

2019
2020
40,29%
38,29%
21%
21,05%
11,34%
15,73%
15,66%
15,85%
7,55%
4,89%
4,15%
4,19%
Caixa
BB
Itaú
Títulos Públicos
Santander
Bradesco


156.285.407,58
21%
64.210.343,04
64.684.215,49
19.966.439,62
17.102.098,30
Caixa
BB
Itaú
Títulos Públicos
Santander
Bradesco

Enquadramento

Todos os investimentos do IPMU estão aderentes com relação a Resolução CMN 3922/2010, alterada pela Resolução CMN 4392/14, 4604/17 e 4695/18 e a Política de Investimentos para o exercício de 2020:

	Limite Resolução				%	Política de Investimentos		
Segmento	**Artigo**	**Inciso**	**Alínea**	**Limite**	**Aplicação**	**Mínimo**	**Objetivo**	**Máximo**
Renda Fixa	7	I	A	100%	15,85%	15%	15%	100%
	7	I	B	100%	53,77%	0%	55%	100%
	7	IV	A	40%	26,79%	0%	20%	40%
Renda Variável	8	II	A	20%	3,60%	0%	5%	20%



Risco de Mercado

É o risco de oscilações de preços dos ativos conforme o cenário macroeconômico. Este risco é voltado para a volatilidade dos papéis, sobretudo de Renda Fixa (Títulos Públicos e fundos atrelados à inflação) e Renda Variável (ações, dólar).
Conforme a tabela abaixo, o IPMU aplica em alguns Fundos de Investimentos sensíveis às oscilações de mercado, conforme a classificação de Risco de Mercado, disponibilizado nas Lâminas de Informações Essenciais dos Fundos de Investimentos, quanto mais próximo do 5 maior o risco.

	Fundos	Risco de Mercado
1	BB Previdenciário RF Alocação Ativa	4- Alto
2	BB Previdenciário RF TP 2020	3- Médio
3	BB Previdenciário IMA-B 5+	5- Alto
4	Bradesco RF Alocação Dinâmica	2- Baixo
5	Caixa Brasil Gestão Estratégica	3- Médio
6	Caixa Brasil IMA-B 5+	5- Alto
7	Caixa Brasil Renda Fixa Ativo	3- Médio
8	Caixa SmallCaps	5- Alto
9	Caixa Brasil IMA-B TP RF LP	3- Médio
10	Caixa Infraestrutura	5- Alto
11	Itaú Institucional RF Alocação Dinâmica	2- Baixo
12	Santander Ativo Renda Fixa	3- Médio

Ubatuba, 11 de setembro de 2020

Sirleide da Silva
Presidente do Instituto de Previdência
Municipal de Ubatuba